



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ESCOLA E RELAÇÕES DE GÊNERO: VISÕES DE MUNDO DE  
JOVENS DO ENSINO MÉDIO EM TAGUATINGA**

**Iraci Pereira da Silva**

**Brasília, julho de 2010**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ESCOLA E RELAÇÕES DE GÊNERO: VISÕES DE MUNDO DE  
JOVENS DO ENSINO MÉDIO EM TAGUATINGA**

**Iraci Pereira da Silva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação – Área de Concentração: Políticas Públicas e Gestão da Educação: juventude, gênero, raça e etnia.

**Brasília, julho de 2010**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Escola e Relações de gênero: *Visões de mundo de jovens  
do Ensino Médio em Taguatinga***

**Iraci Pereira da Silva**

**Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wivian Weller**

**Banca Examinadora**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Wivian Weller - Orientadora  
Faculdade de Educação - UnB**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marly de Jesus Silveira - Membro  
Faculdade de Educação - UnB**

**Prof<sup>a</sup>. Magda de Lima Lúcio - Membro  
Faculdade de Economia, Administração,  
Contabilidade e Ciência da Informação - UnB**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise Botelho - Suplente  
Faculdade de Educação - UnB**

*Ao meu pai (in memoriam), a quem muito amo  
Por ter me ensinado as primeiras palavras e  
acreditar em mim, mesmo quando tudo parecia perdido.  
Ao meu filho Enzo, por trazer na simplicidade  
do milagre da vida um novo estímulo para viver.*

## **Meu lado mulher**

Meu lado mulher incomoda-se  
de receber homenagens num dia do ano - 8 de março,  
enquanto meu lado homem se farta com 364 dias.

Talvez se faça necessária esta efeméride,  
dor recente de uma cicatriz antiga.

Porque vive-se numa sociedade machista:

Matrimônio - o cuidado do lar;  
patrimônio - o domínio dos bens.

(...)

Meu lado mulher esforça-se por livrar-se do modelo emancipatório  
que adota, como paradigma, meu lado homem.

Serei ela se ousar não querer ser como ele.

Sereia em mares nunca dantes navegados,  
rumo ao continente feminino,

onde as relações de gênero serão de alteridade,  
porque o diferente não se fará divergente.

Aquilo que é, só alcançará plenitude em interação com o seu contrário.

**Frei Betto**

## AGRADECIMENTOS

“Nenhum dever é mais importante do que a gratidão.”

Cícero

Este não é um trabalho solitário, embora o ato, a leitura e o escrever exijam esse distanciamento. Por isso, não quero que estes agradecimentos sejam meras formalidades, mas desejo expressar minha sincera gratidão a todos/as que participaram da minha caminhada durante o mestrado.

À minha família por me oferecer apoio nos momentos difíceis e pela compreensão durante os períodos de ausência. Um agradecimento especial ao meu pai que, desde os meus primeiros anos de estudo até agora, sempre me incentivou a estudar, a lutar por uma vida melhor e a não perder as esperanças. Este trabalho é a realização de um sonho nosso e eu só tenho a agradecer-lhe.

Gostaria de manifestar minha eterna gratidão à minha orientadora pela paciência que teve comigo, pela tolerância, pelas horas de leituras dedicadas ao meu trabalho, pelos livros emprestados, por acreditar em mim mesmo quando tudo parecia perdido, pelas sugestões feitas em cada linha deste texto e, sobretudo, pela amizade sincera de sempre. Professora Wivian, meu muito obrigada. Aprendi muito mais com seu exemplo de vida e profissionalismo do que com os textos que li durante todo o mestrado.

Às professoras Marly de Jesus Silveira e Mônica Prates Conrado pela paciência em ler meu trabalho e, sobretudo, pelas ricas sugestões feitas no exame de qualificação.

Às professoras Magda Lúcio, Marly de Jesus e Denise Botelho por aceitarem o convite para participar da avaliação final deste trabalho de pesquisa.

À equipe docente do Programa de Pós-Graduação por, nestes dois anos, contribuir para minha formação e reflexão sobre as relações de gênero na escola.

À direção, aos professores/as, funcionários/as e coordenação pedagógica da escola onde foi realizada a pesquisa, em especial à Luciene e ao Rogério pelo apoio constante durante a pesquisa de campo.

Aos jovens alunos/as que me receberam com muito carinho e contribuíram com suas experiências na realização dos grupos de discussão.

Às secretárias da pós-graduação, em particular à Leivyjane, um anjo da guarda que muito me auxiliou durante o mestrado.

A todas e todos os/as integrantes do GERAJU, que durante os encontros, muito contribuíram para o amadurecimento de ideias para a elaboração da dissertação. Obrigada pelos momentos de descontração que passamos juntos e pela solidariedade nas horas difíceis. Foi tudo muito bom, uma experiência única que levarei para sempre na lembrança, bem como as amizades que fiz enquanto aluna do mestrado em educação. Um agradecimento especial para Catarina, Ana Paula Meira, Silvia, Anderson, Breitner, Lucélia, Claudia Denis, pessoas fantásticas que têm todo o meu carinho.

À minha amiga do coração Nayara, com quem durante esses dois anos dividi as alegrias e tristezas que apareceram durante o mestrado. Assim, como minhas amigas Wênia, Aline, Edson, Bélin, Alaise, Taty, Galileu, Adriana e a Dani.

À Dora Ramos e à Paula Beatriz pelas incansáveis leituras, sugestões na formulação do texto e correção da versão final.

E o agradecimento maior é para Deus pela oportunidade concedida, pela força para continuar, apesar do cansaço e dos percalços no caminho. Sem Ele não tenho dúvidas de que não seria possível chegar até aqui.

## RESUMO

Esta dissertação se insere no campo de estudos que discutem relações de gênero e juventudes entre jovens estudantes do Ensino Médio em escolas públicas de Brasília. Tem por objetivo compreender e analisar como se constituem as relações de gênero entre os/as jovens do Ensino Médio em Escolas Públicas da cidade de Taguatinga/DF. Entre outras questões, investiga-se como é a trajetória escolar dos/as jovens, o que eles/as buscam na escola; como os/as jovens percebem a relação entre o masculino e o feminino; como os/as jovens se vêem nas relações que estabelecem com amigos/as, familiares e professores/as. O Ensino Médio é, de certo modo, especial, porque é um espaço em que a juventude se faz presente em todos os sentidos. A juventude é uma fase de transição para a vida adulta e de formação não apenas intelectual-cognitivo, mas também de preparação para a vida e, sobretudo, é o momento em que acontece a construção de suas identidades. É uma pesquisa fundamentada em uma abordagem qualitativa. Os procedimentos teórico-metodológicos utilizados na realização do estudo de campo fizeram uso de alguns conceitos empregados na pesquisa etnográfica, juntamente com a observação participante. Para a coleta dos dados, este estudo valeu-se de informações obtidas na realização de dois grupos de discussão, que foram realizados com os/as jovens do Ensino Médio em uma escola pública. Os resultados da pesquisa foram alcançados a partir da análise das falas dos/as jovens por meio do método documentário de interpretação desenvolvido por Ralf Bohnsack, que tem como suporte teórico os fundamentos da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim.

**Palavras chaves:** juventude, relações de gênero, ensino médio, grupos de discussão, pesquisa qualitativa.

## **ABSTRACT**

This work relies in the field of studies that discuss gender and youth relations among young high school students in public schools in Brasilia. The purpose is understand and analyze how gender relations are constituted among the young high school students in public schools of Taguatinga/DF. Among other things, one investigates how is the school career of the young, what do they seek at school; how the young perceive the relation between the male and the female. How the young people see themselves establishing relations with friends, family and teachers. High school is somehow special, because it is a space where \$youth is present in all directions. Youth is a stage of transition to adulthood and not only intellectual-cognitive training, but also preparation for life and, above all, is the moment for the construction of their identities happens. This research is based on a qualitative approach. The theoretical and methodological procedures used during the realization of the study made use of some concepts from ethnographic research, along with participant observation. In order to collect data, this study drew on information obtained in the realization of two discussion groups, which were realized with the young students of High School in a public school. The research results were achieved from the speech analysis of the young through the documentary method of interpretation developed by Ralf Bohnsack, which has as theoretical support the foundations of the Sociology of Knowledge of Karl Mannheim.

**Keywords:** youth, gender relations, high school, group discussion, qualitative research.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>FE</b>	Faculdade de Educação
<b>GERAJU</b>	Grupo de Pesquisa - Gênero, Raça/Etnia e Juventude
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
<b>PAS</b>	Programa de Avaliação Seriada
<b>PIBIC</b>	Programa de Iniciação Científica
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
<b>SENAC</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>ONU</b>	Organizações das Nações Unidas

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> Número de turmas na escola nos três turnos, período letivo de 2009.....	54
<b>Quadro 2</b> Caracterização dos jovens participantes do Grupo Masculino .....	68
<b>Quadro 3</b> Caracterização das jovens participantes do Grupo Feminino.....	86

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> - Praça do Relógio.....	51
<b>Figura 2</b> - Mapa das cidades do Distrito Federal .....	51
<b>Figura 3</b> - Fachada do Centro de Ensino Médio Alice Ruiz .....	53

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
PARTE I – Referencial teórico-metodológico .....	21
CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE AS JUVENTUDES	
1.1 Estudos sobre juventudes: breve revisão .....	23
1.1.2 Juventude: definição do conceito .....	24
1.2 A construção do conceito de gênero .....	25
1.3 Os/as jovens no Ensino Médio .....	31
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	
2.1 A Pesquisa Qualitativa como opção metodológica.....	34
2.2 A Pesquisa Etnográfica na Escola .....	38
2.3 A utilização dos Grupos de Discussão como método de pesquisa .....	39
2.4 O Método Documentário de Interpretação .....	41
PARTE II – Pesquisa Empírica: Relações de gênero no Ensino Médio .....	44
CAPÍTULO 3 – OS/AS JOVENS NO CENTRO DA INVESTIGAÇÃO - O CAMPO	
3.1 Trilhas metodológicas da pesquisa .....	50
3.2 A cidade de Taguatinga.....	50
3.3 O centro de Ensino Médio Alice Ruiz .....	52
3.3.1 O cotidiano na escola Alice Ruiz .....	55
3.3.2 A sala de aula.....	57
3.4 A imersão no campo .....	58
3.4.1 Critérios para seleção dos Grupos de Discussão – Hora do Filme .....	60
3.4.2 Os Grupos de Discussão .....	62
CAPÍTULO 4 – ESCOLA E RELAÇÕES DE GÊNERO	
4.1 Visões dos jovens do sexo masculino .....	64

4.1.1 Sobre a realização dos grupos de discussão.....	64
4.1.2 Os participantes do grupo .....	66
4.1.3 Visões dos jovens sobre a escola: "um meio de aprendizagem".....	69
4.1.4 Visões sobre os papéis masculinos e femininos na escola.....	78
4.2 Visões das jovens do grupo feminino.....	83
4.2.1 Sobre o grupo de discussão com as jovens 3º ano.....	83
4.2.2 Visões das jovens sobre a escola e os/as professores/as.....	87
4.2.3 Visões sobre os papéis masculinos e femininos na escola.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
APÊNDICES.....	106
Apêndice A – Roteiro guia para grupos de discussão com jovens .....	107
Apêndice B – Códigos utilizados na transcrição das entrevistas.....	111
Apêndice C – Carta de apresentação à escola .....	114
Apêndice D – Autorização dos pais/responsáveis.....	115
Apêndice E – Questionário .....	116



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa as relações de gênero entre os/as jovens do Ensino Médio em escolas públicas de Brasília. Está vinculado à linha de pesquisa Educação e Políticas Públicas: gênero, raça/etnia e juventude junto a Área de Concentração Políticas Públicas e Gestão da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Minha relação com o tema de pesquisa teve início durante a graduação, com a elaboração de um artigo<sup>1</sup> para o Programa de Iniciação Científica – PIBIC. A partir desta experiência, tive a oportunidade de integrar o grupo de pesquisa GERAJU-Educação e Políticas Públicas: Gênero, Raça/Etnia e Juventude que está vinculado ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação/UnB. Um dos objetivos deste grupo de pesquisa é reunir pesquisadores/as, estudantes de iniciação científica e de pós-graduação que desenvolvem pesquisas empíricas e estudos sobre gênero, raça/etnia e juventude.

Participar deste grupo de pesquisa abriu espaço para que eu interagisse com outros/as pesquisadores/as, com novas visões sobre as temáticas estudadas. Pude perceber que meus estudos teóricos poderiam não só ajudar a compreender melhor a realidade dos/as jovens, como também poderiam ser úteis para contribuir para a elaboração de políticas educacionais voltadas para o Ensino Médio. Essa ligação íntima entre teoria e prática, essa possibilidade de ação efetiva, me motivou a dar continuidade aos estudos nessa linha de pesquisa.

Após o ingresso na pós-graduação, dei continuidade aos trabalhos desenvolvidos no curso de Pedagogia com a pesquisa *Escola e relações de gênero: visões de mundo de jovens do Ensino Médio em Taguatinga*, que têm por objetivo compreender e analisar como se constituem as relações de gênero entre os/as jovens do Ensino Médio em Escolas Públicas da cidade de Taguatinga/DF. Entre

---

<sup>1</sup> *Feminismo, relações de gênero e sexualidade: visões de jovens brasilienses do ensino médio.* Pesquisa realizada nos anos de 2005 e 2006 sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Wivian Weller, versões deste artigo foram aceitas: Simpósio Temático Gênero e Sexualidade nas práticas escolares, Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, II Colóquio Educação, Cidadania e Exclusão e no VI Encontro de História Oral do Nordeste – Culturas, Memórias e Nordestes.

outras questões, investigo como é a trajetória escolar dos/as jovens, o que eles/as buscam na escola; como os/as jovens percebem a relação entre o masculino e o feminino; como os/as jovens se vêem nas relações que estabelecem com amigos/as, familiares e professores/as.

A escola de Ensino Médio é, de certo modo, especial, porque é um espaço em que a juventude se faz presente em todos os sentidos. A juventude é uma fase de transição para a vida adulta e de formação não apenas intelectual-cognitivo, mas também de preparação para a vida, e sobretudo, é um momento de constituição de identidades. É uma fase de ruptura, de re-construção. Os/as jovens, nesse período, não estão apenas aprendendo matemática, geografia, física, entre outras disciplinas. Não é apenas um saber externo, objetivo, sistemático, o que importa neste momento. É o saber sobre si, é o constituir-se como pessoa, como homem ou como mulher, o que mais importa. O estudo dos/as alunos/as do Ensino Médio, portanto, precisa abranger essas questões identitárias, pois elas se refletem por toda a vida desses estudantes.

Mannheim, em seu texto *El problema de las generaciones*<sup>2</sup>, propõe estudar o tempo de forma qualitativa, considerando o tempo interior de vivência de cada sujeito. O tempo, dessa forma, não é visto apenas como uma sucessão cronológica (WELLER, 2005). A passagem da juventude para a vida adulta, não pode ser caracterizada tão somente pelas transformações do corpo, desconsiderando-se as vivências desse/a jovem e a sua relação com os diferentes grupos etários. O presente trabalho busca uma perspectiva que contemple as experiências de vida dos/as jovens, tanto de forma coletiva, com significados em comum, quanto de forma individual.

Por outro lado, deve-se levar em conta que não é uma tarefa fácil ser jovem e mulher em uma sociedade machista. Tal situação envolve questões de gênero e de cultura sendo necessário haver uma quebra de paradigmas construídos ao longo da história, uma vez que homens e mulheres, quando exercem a mesma função, por exemplo, não são remunerados da mesma forma<sup>3</sup>. Ao trabalho das mulheres é

---

<sup>2</sup> MANNHEIM, Karl. *El problema de las generaciones*. Tradução de Ignacio Sánchez de La Yncera, REIS – Revista española de investigaciones sociológicas. n . 62, p. 193-242, abr/jun, 1993.

<sup>3</sup> Mulher e Trabalho: Avanços e Continuidades, nº 40, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Site [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br), acesso em 17 de Março de 2010, às 02h43.

atribuído menor valor que ao dos homens, ou, pelo menos, elas tendem a, sistematicamente, receber quantias inferiores, tanto no Brasil, como em outros países, apesar do crescimento expressivo de participação feminina no mercado de trabalho e em profissões que antes eram ocupadas, somente por homens, muitas delas são concomitantemente chefes de famílias<sup>4</sup>. Será que essa valorização do trabalho feminino começa já na escola? As pesquisas apontam que as mulheres apresentam melhores níveis de escolarização se comparadas aos homens. Mas, na dinâmica de sala de aula, no dia a dia da escola, será que rapazes e moças recebem tratamento igual?

A escola pode estar reproduzindo estereótipos, entre eles o de gênero, bem como mecanismos de dominação. É visível esta reprodução de papéis atribuídos a homens e mulheres pelos/as professores/as em suas práticas de ensino (cf. GROSZ, 2008). Mas, é possível ver a escola de forma positiva, como um lugar capaz de criar novas possibilidades, novos papéis sociais.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, o Estado deve garantir a oferta do Ensino Médio com o objetivo de proporcionar maior capacidade de ingresso do/a jovem no mercado de trabalho e condições para prosseguir os estudos no nível superior. Dessa forma, a escola pode contribuir para a construção da autonomia, para o desenvolvimento da consciência crítica e para o preparo do/a jovem para a vida adulta. O que se observa na prática, entretanto, é uma distância entre as propostas escolares e a realidade dos/as alunos/as (KUENZER, 1997; DAYRELL, 2007; SPOSITO, 1997).

A fim de melhor compreender essa separação entre a realidade dos/as alunos/as do Ensino Médio e a construção de suas identidades juvenis e de gênero na escola, surgem questões relacionadas à escola e à experiência desse/a jovem enquanto aluno/a:

- Quais as experiências desses/as jovens no Ensino Médio? Quais as perspectivas desses/as jovens em relação à escola?
- Como é ser jovem-mulher na escola? Como é a relação com jovens do sexo masculino e com os/as professores/as no espaço escolar?

---

<sup>4</sup> Segundo dados preliminares da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007 – PNAD cada vez mais mulheres brasileiras são chefes de família, participam do mercado de trabalho e continuam acumulando a maioria das tarefas domésticas, ver em [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br).

- Existem diferenças entre os papéis desempenhados na escola e na família? Essa relação tem influenciado na construção de suas identidades?
- Por que, por vezes, o/a jovem é identificado como sujeito que não tem compromisso com a escola, com o trabalho ou nenhuma perspectiva para o seu futuro? Será que é isso mesmo? Por que os/as alunos/as estão na escola e, muitas vezes, não participam da escola?

Investigar o ambiente escolar e as relações que são estabelecidas dentro deste espaço é imprescindível, por ser a escola o lugar onde os/as jovens passam uma parte significativa de seu tempo. É relevante conhecer como está sendo a passagem pela escola e os problemas vividos nessa fase, principalmente, no que se refere às relações entre jovens de ambos os sexos e suas representações sobre o masculino e o feminino no interior da escola.

Como bem define Sposito (1997), o/a jovem não constrói sua identidade dentro da escola, mas, sim, nos movimentos e nas relações estabelecidas neste espaço. No entanto, é necessário haver um movimento contrário em que a voz do/a jovem tenha ouvido dentro da escola, uma mudança na cultura escolar, diminuindo a resistência dos/as professores/as e da comunidade escolar, tornando um espaço mais democrático.

Desigualdades e diferenças mantidas pelas instituições de ensino estão implicadas nas relações de poder exercidas pelos currículos, métodos de avaliação e hierarquizações que desqualificam o sujeito. Louro (1997) afirma que para transformar essa realidade que acompanha a educação no Brasil é necessário eliminar as relações de poder, porque as relações mantidas entre homens e mulheres ao longo da história foram marcadas pela dominação masculina.

Compreender a relação existente entre os/as jovens do Distrito Federal e suas especificidades é algo que se faz necessário e nos leva a investigar como têm acontecido estas mudanças nas cidades distantes do centro de Brasília, sobretudo, no que diz respeito à valorização da mulher e a construção de suas identidades.

De acordo com uma pesquisa feita no portal de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, para área de educação, no período de 2000 a 2007, foram defendidas 207 teses e dissertações de mestrado que tratam sobre o tema juventude e Ensino Médio. Como

critério de identificação utilizou-se a combinação das seguintes palavras-chave: juventude, Ensino Médio e relações de gênero. Dessa produção científica, somente, um número aproximado de 10 trabalhos tiveram como objeto de estudo os/as jovens e as relações de gênero entre alunos/as do Ensino Médio. A produção acadêmica neste campo de pesquisa ainda é escassa quando comparada a outras temáticas. Faz-se necessário que as pesquisas alcancem as relações entre jovens, escolas, culturas juvenis e meio social com o objetivo de contribuir para a formulação de políticas públicas de/para/com juventudes e de oferecer subsídios para os profissionais da educação que atuam diretamente com os jovens no espaço da escola e em programas direcionados a esta parcela da população (WELLER, 2007).

Constata-se que apesar do aumento da produção sobre o tema, boa parte dos autores, quando tratam de relações de gênero, se remetem, apenas, às mulheres em idade adulta. Pouco se tem pesquisado sobre as jovens mulheres que têm participado e, em alguns momentos, são protagonistas nos processos de mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo das últimas décadas, período no qual tem sido presenciada a emancipação feminina em diferentes espaços da sociedade. Existe uma lacuna no que diz respeito a estudos comparativos sobre juventude e escola, juventude e experiências de discriminação de gênero no Ensino Médio, entre outras.

Escrever sobre os/as jovens de Brasília, além de contribuir para a produção de conhecimento científico, é uma oportunidade de retratar o perfil da juventude brasiliense que está no final do Ensino Médio, bem como de compreender as relações estabelecidas entre jovens rapazes e jovens moças, assim como já foi realizado em outras capitais<sup>5</sup>. Fazendo um levantamento das necessidades desta parte da população e identificando como tem sido sua relação com a escola e com os/as amigos/as, é possível contribuir para as políticas públicas e educacionais voltadas para a oferta e expansão do Ensino Médio.

A dissertação se divide em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma breve revisão sobre os caminhos percorridos pelos estudos sobre

---

<sup>5</sup> Foi realizada uma pesquisa com jovens nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador que abordou, entre outros temas, socialização, sexualidade, família, etc. Ver: HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L.; BONZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (org.). O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

juventudes até surgirem os primeiros pesquisadores que impulsionaram a pesquisa relativa a essa temática no Brasil. A seguir, é realizada uma reflexão teórica sobre as interfaces dos estudos feministas com os estudos sobre juventudes, em que é analisada a invisibilidade dos/as jovens nestes estudos e, por fim, é abordada a relação das juventudes com o Ensino Médio.

Já o segundo capítulo é reservado para apresentação dos procedimentos teórico-metodológicos utilizados na realização da pesquisa. Para atender aos objetivos apresentados nesta dissertação, fez-se uso de alguns conceitos empregados na pesquisa etnográfica, juntamente com a observação participante. Para coleta dos dados, este estudo valeu-se dos grupos de discussão que foram realizados com jovens do 3º ano Ensino Médio.

No terceiro capítulo, por sua vez, os/as jovens são colocados no centro da investigação, e além disso, são descritas todas as etapas da pesquisa empírica, desde o primeiro contato com a escola, até a formação dos grupos de discussão. São relatadas as dificuldades enfrentadas no trabalho de campo, a aceitação dos/as jovens em relação à pesquisa e a recepção da escola.

O quarto capítulo é dedicado à análise de dois grupos de discussão, um formado por moças e outro por rapazes. É realizada uma reflexão sobre como os/as jovens se percebem no espaço da escola, qual a concepção de juventude construída pelos/as jovens do Ensino Médio, como são construídas as relações de gênero na sala de aula e quais as percepções destes/as jovens sobre o futuro a partir das experiências sociais que possuem.

Nas considerações finais, são apresentados os principais resultados da pesquisa. A partir destes resultados, busca-se fazer uma releitura das informações obtidas durante a pesquisa, levando-se em conta a visão de autores que abordam as relações de gênero na educação.

## **PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

## **CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE AS JUVENTUDES**

Por que pesquisar a juventude, um período curto da vida das pessoas, apenas alguns poucos anos? Um período de transição entre a infância e a fase adulta, um momento de mudanças físicas, psicológicas, sociais, entre outros aspectos. Não é, como muitas pessoas pensam, um período “natural”, que sempre existiu, independente das condições sociais.

Numa sociedade industrializada como é a brasileira, o “tempo de ser jovem” precisa ser melhor compreendido, ou seja, os/as jovens precisam de tempo para viverem suas experiências, definirem suas identidades, conhecerem seu potencial, escolherem uma profissão e terem condições de realizar seus projetos de vida. Estudar este período de vida torna-se indispensável para conhecer as dificuldades e experiências vividas por eles/as.

No entanto, os estudos precisam ser complementados com a análise das questões de gênero. Quando se fala em juventude, não dá para ignorar que existe uma diferença na concepção do que vem a ser uma jovem moça ou um jovem rapaz na família, na escola, na igreja ou em tantos outros espaços. É preciso pensar as especificidades, a construção da identidade de um homem ou de uma mulher. Por mais que a sociedade insista em falar que não existe preconceito ou discriminação, as vivências dos/as jovens no ambiente escolar tem provado que no dia a dia escolar os/as jovens passam por várias situações e brincadeiras encaradas como “normais”, que se investigadas demonstram existir diferenças e a manutenção de preconceitos pela escola (LOURO, 1997).

Além desses percalços, existem aqueles que julgam a juventude como sendo um momento de crise, de distanciamento da família, de rebeldia, entre tantos outros aspectos negativos. Os jovens rapazes, por exemplo, na maioria das vezes tem sua imagem ligada a atos de violência, bagunças, festas e brigas conforme é veiculado nos meios de comunicação. O que acaba sendo uma visão preconceituosa que homogeneiza os sujeitos do sexo masculino.

O objetivo principal deste capítulo será o de identificar o caminho percorrido pelos estudos sobre juventudes no Brasil, fazendo um recorte de gênero a partir dos estudos feministas e suas transformações ao longo da história. Tanto os estudos

sobre juventudes, como os estudos de gênero, possuem uma história, que deve ser resgatada para que se possa compreender o momento atual, ou seja, de compreensão das relações de gênero entre jovens do Ensino Médio.

### **1.1 Estudos sobre juventudes: breve revisão**

Diferente do que se possa imaginar, os estudos que tem por objeto a juventude não são um campo novo de pesquisa. Os primeiros estudos foram realizados pela Escola de Chicago no início do século XX. Essas primeiras pesquisas visavam entender o surgimento das gangues juvenis americanas e a intensificação dos conflitos étnicos e territoriais no espaço urbano. A partir destes trabalhos, novas pesquisas foram surgindo, possibilitando a criação de um campo de estudo primeiramente estruturado nas ciências sociais.

No Brasil, na década de 1960, Marialice Foracchi<sup>6</sup> dá início aos estudos sobre juventude nas Ciências Sociais. Para Foracchi é necessário situar o/a jovem em seu contexto social, ou seja, é preciso analisar os vínculos que possui com outras gerações e com as instituições das quais fazem parte. Por outro lado, a autora ressalta os vários sentidos e significados relativos ao conceito de juventude (SPOSITO, 1997). Para Foracchi:

A juventude é caracterizada a partir de um registro tríplice: o reconhecimento de que se trata de uma fase da vida, a constatação de sua existência como força social renovadora e a percepção de que vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal (FORACCHI, 1965, p. 302-304).

Apoiada nos escritos de Mannheim, a autora reconhece que a juventude é um período em que acontece a “proposição do eu”, com a construção de uma identidade enquanto etapa que antecede a vida adulta, um momento de descobertas e de inserção social por meio de experiências e escolhas durante a trajetória de mudança para a fase adulta. Nesta perspectiva, o/a jovem não apenas se constitui somente como indivíduo, também é capaz de fazer escolhas, de decidir quem vai ser no

---

<sup>6</sup> Maria Alice Foracchi (1929-1972) foi docente e pesquisadora da antiga cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia e Letras – USP, cadeira esta dirigida por Florestan Fernandes, e foi docente do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (AUGUSTO, 2005).

futuro, se vai fazer vestibular, se fará este ou aquele curso. Pode decidir se dará continuidade ou não aos seus estudos; se irá se casar e com quem; se buscará ou não emprego; entre outras tantas grandes e pequenas escolhas.

De acordo com Sposito (1997), após a morte de Marialice Foracchi, os estudos sobre juventudes perderam seu espaço, o que impossibilitou a criação de um campo de estudos sobre juventude em algumas áreas do conhecimento no Brasil. As produções acadêmicas eram isoladas e ocorriam entre pequenos grupos de pesquisadores/as. Por esse motivo, as ciências sociais permaneceram em “silêncio” por aproximadamente 25 anos e só na década de 1990 começam a reaparecer os estudos sobre juventude.

### **1.1.2 Juventude: definição do conceito**

Margulis (2001) e Dayrell (2001) apontam a juventude como produto de uma construção histórica, social e cultural. Os/as jovens da década de 1960, por exemplo, que viveram sob a repressão do regime militar, possuíam demandas sociais diferentes dos/as jovens que viveram a abertura democrática propiciada pela Constituição de 1988, nos anos de 1990. Enquanto que para muitos jovens dos anos sessenta a rebeldia e a oposição ao sistema eram vividas de forma contundente, para os/as jovens dos anos noventa a rebeldia, a oposição ao sistema, tomou uma dimensão distinta e vista por vezes como superficial, expressa em uma letra de música de protesto a ser cantada, uma calça jeans rasgada, uma cara pintada.

Peralva (1997) assim como Margulis e Urresti (1996) convergem para a idéia de que não se pode falar em juventude, mas em juventudes diante da diversidade concretizada no cotidiano e na vivência de cada sujeito social. Criticam ainda a visão limitada de juventude definida pela idade ou por aspectos biológicos. Um fenômeno que ilustra o posicionamento dos/as autores/as, é o das pessoas que prolongam suas “juventudes”, às vezes, para além dos trinta anos: elas continuam vivendo com os pais, não se casam, adotam um estilo de vestir e de falar mais adolescente e podem até mesmo não ter entrado formalmente no mercado de trabalho, vivendo apenas para estudar.

Pensar o/a jovem é pensar em perspectivas, pensar em oportunidades, que se abrem ou que se fecham. Onde estou e para onde vou: o que será de mim? Para

estudar a juventude é preciso estudar a subjetividade dos/as jovens, a incerteza, os sonhos e os devaneios. Além disso, deve-se levar em conta quais são os “modelos sociais” que os/as jovens possuem. Quem na sociedade é o modelo que determinado/a jovem aspira ser igual? Uma atriz, um jogador de futebol, um engenheiro, uma médica?

Quando se pensa na juventude brasileira, isso leva-nos a refletir sobre a enorme diversidade contextual e sociocultural existente no Brasil, o que afeta o/a jovem em várias situações, principalmente no acesso e permanência na escola. Nessa sociedade, que passa por rápidas transformações, os/as jovens mais pobres buscam um lugar junto ao circuito de informações por meio da mídia, mas essa modernização cultural não vem acompanhada da modernização social. Nesse emaranhado de acontecimentos em torno do/a jovem é que ele/a constrói o sentido subjetivo de ser jovem nos diferentes espaços da sociedade e na família, ou seja, elabora formas distintas de viver a juventude a partir das experiências das quais participa.

Peralva (1997) esclarece que não se pode reduzir a juventude, mas pensá-la em uma perspectiva de cultura juvenil, compreendida no plural. Um aspecto importante a ser destacado dentro da cultura juvenil é a questão do estilo, porque não é apenas uma apropriação ou utilização de um conjunto de acessórios, implica em algo maior, na organização ativa e seletiva de objetos que possuem significados, que refletem valores de um grupo, significados e valores estes que acabam por constituir identidades, pessoais e do conjunto. As identidades também são negativas, no sentido de que o pertencimento a um grupo determinado, muitas vezes, exclui a possibilidade de pertencer a outros grupos: se eu sou *punk*, então eu não sou *emo*, ou eu não sou *gospel*. Transitar livremente entre vários grupos ao mesmo tempo, torna-se muito difícil ou quase impossível.

## 1.2 A construção do conceito de gênero

“*Lugar de mulher é na cozinha*”. A cozinha mudou muito de uns tempos para cá: geladeira com Internet na porta, microondas, homens cozinhando, comidas apenas para esquentar. A família brasileira também mudou ao longo do tempo, tendo inclusive “encolhido” de tamanho. Como aponta Oliveira (2007), a família já

não é mais a mesma, nos últimos anos ela sofreu várias mudanças, a chamada família nuclear (pai, mãe e filhos morando juntos, vivendo numa relação hierárquica) tem perdido espaço para outros tipos de configuração. A escola por sua vez, nem sempre consegue acompanhar essa transformação e, por conseguinte, não atende as necessidades desse/a jovem que chega à escola em busca de uma oportunidade, de um espaço na sociedade.

A discussão em torno da diferença entre os sexos data do final do século XVIII nas sociedades capitalistas, e depois deste período começaram as pesquisas de uma nova concepção sobre os sexos, que passaram a ser vistos como opostos. A oposição significa na prática que determinadas características são definidas como masculinas e outras características como femininas. As mulheres seriam emotivas e os homens seriam racionais “por natureza”, por exemplo. As mulheres possuiriam algo como um “instinto materno”. Note-se que o termo “instinto” reforça a idéia de um sentimento inato, não-racional, ilógico. Dessa oposição “natural”, decorreriam os papéis sociais a serem desempenhados na sociedade por homens e por mulheres. Para uma menina que ganha uma linda casinha cheia de bonecas para cuidar, traz em si a ideia de preparação da menina para uma vida familiar de dedicação e cuidado aos filhos e ao marido.

Para chegar a uma concepção de gênero, o pensamento feminista seguiu um percurso histórico que contribuiu para a elaboração dos principais conceitos. No século XIX, com a idéia de “direitos iguais à cidadania”, entendido como igualdade entre os sexos, estimulou-se a mobilização feminina no continente europeu e em outros países. Entre as décadas de 1920 e 1930 as mulheres romperam uma das barreiras mais expressiva da desigualdade: o direito ao voto, à propriedade e o acesso à educação.

Heilborn (1999) demonstra que os estudos de gênero no Brasil foram inspirados, inicialmente, pela experiência norte-americana. Lá, o movimento feminista e o movimento negro surgiram com os movimentos de protestos nas universidades americanas na década de sessenta. As feministas impulsionaram as reflexões sobre a experiência das mulheres e suas aspirações para, então, construir um campo de estudo. Elas buscavam enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Rejeitavam o determinismo biológico ditado pela sociedade.

Após a década de 1960, as mulheres permanecem com a luta por “direitos iguais” que se torna peça central no pensamento feminista na década seguinte. A organização do pensamento feminista não é um todo unificado, ele perpassa diferentes abordagens desenvolvidas nos finais da década de 1960, apesar de compartilhar algumas idéias em comum, tal como considerar que a mulher ocupa lugares sociais de subordinação. Tendo em vista que esta subordinação é caracterizada de acordo com o período histórico e o contexto na qual está inserida.

No entanto, as diversas correntes feministas acreditam que esta subordinação é decorrente da forma como a mulher é construída socialmente, entendendo que o que é construído pode ser modificado. Logo, se houver uma mudança da maneira como a mulher é percebida, seria possível mudar o espaço social por ela ocupado.

A discussão em torno do conceito de gênero alcançou maior destaque a partir da década de 80 do séc. XX, um dos motivos dessa disseminação está relacionado à constituição de um novo olhar sobre a realidade, o que permite repensar as características determinadas socialmente como femininas e masculinas. Outro aspecto importante é a possibilidade de desconstruir as práticas e hábitos que permearam e reproduziram a construção social sobre os papéis estabelecidos para homens e mulheres ao longo dos anos.

O conceito de gênero tem se difundido e sua marca já está presente nos trabalhos de vários autores (LOURO, 1997; WELLER, 2005; GROSZ, 2008; PAZ, 2008). Na academia já existe um grupo de pesquisadores/as que dialogam com as questões feministas, bem como consideram um avanço os resultados e as expectativas em torno da discussão sobre a categoria “mulher”.

Piscitelli (2002) tenta justificar com vários argumentos que a causa da opressão feminina está intimamente ligada à função reprodutiva da mulher e à produção da desigualdade sexual. A reprodução é um dos fatores que caracteriza sua identidade determinada pela biologia e na opressão por parte de uma cultura masculina.

A definição para o termo “mulher” tem sua origem no feminismo radical, no qual as mulheres são oprimidas pelo fato de serem mulheres. Para este grupo, a identidade das mulheres inclui aspectos biológicos e socialmente construídos no corpo feminino, sendo imprescindível para a manutenção da opressão patriarcal.

Cabe ressaltar que no pensamento feminista deste período, a opressão era vista como incidindo apenas sobre as mulheres brancas de classe média, o que mais tarde foi contestado. Apesar de ser um movimento para um grupo específico de mulheres, nem todas as questões políticas que se enquadravam nas instituições capitalistas ou no Estado encontravam respostas neste movimento.

O político neste contexto permeia as novas concepções de opressão, uma vez que toda atividade de manutenção de comportamentos e dominação masculina passou a ser considerada uma política que logo era entendida como qualquer relação de poder independente de estar relacionada à esfera pública.

Para mapear a opressão sofrida pelas mulheres o pensamento feminista passou a analisar o seu cotidiano, porque entendia que o sistema de dominação acontecia na relação mais íntima de cada homem com cada mulher, o que era definido como uma relação política por envolver divisão de poder.

No entanto, ao se conhecer a história do pensamento feminista é compreensível confundir o conceito de “gênero” e “mulher”. Segundo Piscitelli (2002) gênero se desenvolveu na fronteira dos estudos sobre a mulher. No Brasil, foi diferente dos EUA, pois os problemas sociais e a desigualdade social abriram espaço para a estruturação de um feminismo mais moderado em relação às disputas entre os sexos. Seu discurso estava mais próximo dos discursos de esquerda e teve forte apoio da academia, porque oferecia condições de acesso às idéias discutidas no exterior. Em 1975, o movimento de mulheres tornou-se mais expressivo e concentrou-se na área da pesquisa social. Foram criados núcleos de estudos em universidades de todo o país.

Conforme destaca Piscitelli (2002), o pensamento feminista introduziu o conceito de gênero no debate sobre as causas da opressão da mulher, com o artigo de Gayle Rubin, intitulado *O Tráfico das mulheres: notas sobre a economia política do uso* publicado em 1975. Gênero passa a ser definido da seguinte forma:

como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas (PISCITELLI, 2002, p. 17).

Esta passagem transita entre a natureza e a cultura. Sendo que, no que se refere à diferença sexual, a cultura se sobrepõe à natureza. Tudo isso contribuiu para se pensar nas construções sociais da mulher no que tange aos sistemas culturais. O

conceito de gênero começou a ser desenvolvido como uma alternativa ao patriarcado. A elaboração deste conceito está ligada a necessidade de associar a preocupação política com uma melhor compreensão de como o gênero opera em todas as sociedades. Neste panorama, o termo gênero oferece uma atenção especial à mulher, embora não seja limitada sua análise aos estudos de gênero.

De acordo com Piscitelli (2002), as discussões sobre as relações de gênero encontraram seu lugar na academia, mas não se limitaram somente a uma área acadêmica. Nos últimos anos, observa-se um crescente interesse dos homens pelas questões relativas à masculinidade e à sexualidade. Os estudos de gênero serviram, também, para criticar os pressupostos que determinavam os principais paradigmas da teoria social.

Na tentativa de rever o grande período da história em que as mulheres permaneceram “caladas”, esquecidas na construção do conhecimento em diferentes áreas da ciência, houve um movimento na academia que acumulou estudos sobre a situação da mulher, o que contribuiu para a consolidação de estudos sobre gênero em diversas disciplinas.

A partir da década de 1980 há uma substituição do termo mulher pelo termo gênero, como forma de identificar uma área de estudos. O diálogo e a reflexão sobre o feminismo na academia brasileira levaram à institucionalização dos estudos relativos à mulher, ao gênero e às relações entre os gêneros. Com isso, abriu-se um campo de estudos para uma melhor compreensão dos aspectos culturais da construção social do feminino e do masculino. Logo, estes estudos passam a ter como foco a estrutura social, deixando de lado os indivíduos e os papéis sociais.

Miriam Grossi (2004) salienta que foi somente depois da publicação do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949, que as discussões em torno da mulher passaram a ter um caráter político de crítica à dominação masculina. A publicação deste livro representa o começo dos estudos feministas no Brasil, que também impulsiona os estudos de gênero, bastante marcados pelas lutas de classe e pelos movimentos contra a ditadura militar, cujos integrantes eram oriundos da classe média.

A utilização do termo gênero não implicava em uma tomada de posição sobre a desigualdade, poder ou parte prejudicada. Era apenas uma busca pela legitimidade acadêmica para os estudos feministas. Mas, esta relação de igualdade

deveria envolver ambas as partes e, este termo permite compreender que todo estudo que envolve a mulher implica nas suas relações com o homem.

Os estudos de gênero vêm crescendo e tem alcançado diferentes classes sociais e faixas etárias, mas é necessário conhecer as discussões teóricas que conduziram a construção do conceito de gênero e sua relação com outras áreas do conhecimento. Nos EUA, a principal referência sociológica eram as teorias funcionalistas (cf. Heilborn,1999). Na década de 50 e 60 do século passado, entendia-se que o reconhecimento das diferenças de sexo aconteciam na família pela definição do lugar de cada um:

de papéis expressivos (feminino) e papéis instrumentais (masculino). Enfatizando as funções socializadoras da família (e do gênero), esta foi compreendida como instituição fundamental na manutenção do funcionamento regular da ordem social (HEILBORN, 1999, p. 18).

De acordo com as teorias funcionalistas, as experiências norte-americanas não trouxeram uma contribuição positiva para os estudos de gênero, porque legitimavam a subordinação da mulher e resumiam as discussões à esfera da família. Esta concepção marcou a sociologia do gênero, pois forneceu conceitos básicos através dos quais as diferenças entre homens e mulheres foram estudadas, assim como apontou que as diferenças sexuais são mais presentes na família. Ainda hoje no contexto familiar existe esta diferenciação de sexos.

As feministas norte-americanas passaram a criticar estas teorias e a partir de então a noção de gênero passou a ser desenvolvida como uma categoria de análise teórica mediante a qual seria possível ver a mulher na família e nas suas atividades sociais mais amplas. Sendo que as feministas começaram a se referir à organização social da relação entre os sexos. A teoria marxista contribuiu muito mais para os estudos de gênero, porque esta teoria apresentou a mulher como força de trabalho e permitiu estabelecer relações entre a família, o trabalho e a política, a partir de uma perspectiva das relações de gênero e de poder.

Nos anos 70 do século XX, as teorias de gênero ainda sofriam forte influência do marxismo, contudo procuravam formas de ampliar seu campo de estudos. Com isso, as análises de gênero saem dos limites da família, embora seus conceitos tivessem pouca capacidade de dar conta das relações de gênero no interior das demais instituições sociais. Para a formação do conceito, houve à aceitação dessa

área de pesquisa nas universidades como campo de produção de conhecimento científico.

Na antropologia, inicialmente formulou-se a idéia de sistemas de sexo-gênero com o objetivo de diferenciar a condição sexual e a questão cultural, mas o ponto principal era o papel que a reprodução ocupa na separação dos sexos. Este sistema conduzia a uma interpretação em que a diferença sexual associada à cultura faz com que as relações de gênero sejam de opressão. Com o aumento dos estudos sobre sexualidade no fim da década de 80 houve a necessidade de distinguir discussões sobre gênero e identidade sexual (HEILBORN, 1999).

Durante toda a história dos movimentos feministas o desenvolvimento do conceito de gênero e sua relação com a teoria social são centros das questões culturais, ordem social e sistemas de valores. E, sobretudo, como conjunto de métodos que conduzem a descoberta e a resolução de problemas em torno dos embates sobre as relações de gênero.

Mesmo com o progresso dos estudos de gênero dentro e fora das universidades, bem como o crescimento do número de pesquisadores/as da temática, o que se observa ao longo dos anos é que estes estudos se restringiram a pesquisar as relações de gênero entre as mulheres adultas. Com isso, é possível observar que existe uma lacuna nesta área do conhecimento, porque há pouca produção científica no que se refere a estudos sobre jovens mulheres, prova de que há uma invisibilidade das juventudes nos estudos feministas (cf. Weller, 2005).

Os primeiros passos que caminham para a mudança dessa realidade já vem sendo dado por algumas pesquisadoras que se interessam em estabelecer um diálogo entre as questões de gênero e juventudes. Mas ainda há muito a ser feito para que os/as jovens conquistem seu espaço nas pesquisas que discutem juventude e relações de gênero (WELLER, 2005; CARVALHO, 2001).

### **1.3 Os/as jovens no Ensino Médio**

A juventude tem sido considerada uma fase da vida marcada pela instabilidade, mudanças, descobertas e desafios que o/a jovem precisa enfrentar até chegar à vida adulta. Nas camadas populares, como aponta Dayrell (2007, p. 1108),

além da condição de jovens, ainda existe a questão da pobreza, que interfere nas suas possibilidades e na luta diária pela sobrevivência, colocando o/a jovem em uma situação de busca de retorno imediato, bem como de um possível projeto de vida.

Por esses motivos, uma grande parcela de jovens brasileiros, somente se reconhece inserida na condição juvenil por meio do trabalho, em razão do emprego representar uma possibilidade de garantir acesso mínimo de recursos para o lazer, namoro e sobrevivência (cf. Dayrell, 2007). No entanto, isso não significa que este jovem que começa a trabalhar abandona a escola, afinal estas instituições em muitos contextos são a esperança de mobilidade social para a juventude. Como o trabalho oferece condições do/a jovem viver sua condição juvenil, “o trabalho faz a juventude” (SPOSITO, 1997).

Ao falarmos sobre juventude é necessário refletir sobre a escola, por ser esta um lugar de socialização, de construção de identidades e busca por formação para a vida e para o mercado de trabalho. De acordo com o Censo Escolar<sup>7</sup> havia 75.317 jovens matriculados no Ensino Médio no DF, no ano de 2009. No entanto, ser jovem é muito mais do que uma representação numérica em uma estatística nacional da população. Como apresenta Sposito e Galvão (2004), a juventude é um período de busca pela inserção na estrutura social, indo além da simplória concepção de que é apenas a transição da infância para a vida adulta.

As autoras fazem críticas a atual concepção de Ensino Médio porque diante da amplidão de possibilidades que se abrem, a única referência ainda clara que norteia as práticas escolares cotidianas dos/as professores/as é a de preparação para o vestibular. Além da natureza intrinsecamente excludente deste objetivo, decorrente da pequena capacidade de acolhida do ensino superior público, sua permanência reitera esses três anos de escolaridade como fase intermediária, algo situado entre, sem um sentido próprio de ser. Esse posicionamento das autoras se justifica pelo cenário atual dos/as jovens estudantes do Ensino Médio, porque existe uma ausência de identidade desse nível de escolaridade; existe a crise econômica e social que reduz as possibilidades de ascensão e mobilidade social via escola - que

---

<sup>7</sup> O Censo Escolar é realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP que faz um levantamento de dados em todo o Brasil para coletar informações sobre a educação básica em instituições públicas e privadas, dentre vários objetivos deste levantamento está o de traçar um panorama da educação básica oferecida em todos os estados do país.

coloca em cheque sua eficácia enquanto instituição socializadora - ;existe o distanciamento entre a cultura juvenil e a realidade escolar.

Nesse sentido, fazem-se necessários novos estudos voltados para a compreensão dos significados atribuídos pelos jovens ao Ensino Médio, de suas expectativas em relação a essa etapa de suas vidas, bem como de seus projetos de futuro. Com a presente dissertação pretendemos oferecer alguns subsídios nessa direção.

## CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

### 2.1 A Pesquisa Qualitativa como opção metodológica

O ato de pesquisar exige, antes de tudo, um referencial metodológico que atenda às especificidades da pesquisa. A escolha de um método, por vezes, se torna uma tarefa difícil para o pesquisador porque esta decisão é peça chave para a realização de um trabalho de pesquisa com resultados que atendam aos objetivos definidos para o estudo. O direcionamento metodológico do trabalho é o que determina a sua cientificidade.

A escolha metodológica na pesquisa social está pautada na adoção de um método quantitativo ou qualitativo, a depender da orientação epistemológica do/a pesquisador/a e dos objetivos de estudo da pesquisa a ser realizada, porque de acordo com Flick (2004, p.17) “cada método baseia-se em uma compreensão específica de seu objeto.” Se for de interesse do/a pesquisador/a é possível, também, fazer uma correlação entre dois ou mais tipos de métodos na busca por uma complementação, integração de dados e informações sem que haja o comprometimento da qualidade e da legitimidade da pesquisa.

No entanto, cabe ressaltar que nem sempre existiu esta “liberdade” metodológica. A história nos relata que, por muito tempo, existiu uma disputa entre vários teóricos na tentativa de provar a superioridade do método quantitativo em detrimento do método qualitativo (Flick, *op.cit.* p.30).

Vilela (2003) escreve que houve um tempo em que, para se fazer pesquisa, não poderiam ser utilizadas a observação em campo, entrevistas, análise de documentos pessoais entre outros instrumentos de pesquisa. Estes materiais não eram reconhecidos como instrumentos para produção de novos conhecimentos científicos, por serem caracterizados como insuficientes devido à impossibilidade de serem tratados estatisticamente.

Entretanto, a história também registra relatos de superação e conquista de espaço da pesquisa qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) fazem um resumo das principais fases da pesquisa qualitativa ao longo da história. Registram que, desde o

começo do século XX já se fazia pesquisa qualitativa, por exemplo na Escola de Chicago, que, segundo Vilela (2003) se constituiu a partir de

um grupo de sociólogos que combinava as funções docentes e de pesquisas naquele departamento e evidenciava uma renovação importante na forma de conceber e praticar a pesquisa social. [...] O compromisso evidente com mudanças sociais foi uma marca do grupo de cientistas da Escola de Chicago e abriu as brechas para uma pesquisa social questionadora e ativista que consolidou a Escola nos anos de 1920 e de 1930 (VILELA, 2003, p.5).

Na década de 1930, já existia uma tradição de pesquisa social que fazia uso da pesquisa qualitativa em estudos sobre problemas sociais e urbanos, já fazendo uso da pesquisa de campo para coleta de dados. Mas, foi com a Antropologia que a pesquisa qualitativa ganhou destaque no meio acadêmico. Por ser um campo de estudo já reconhecido, seu modo de fazer pesquisa conseguiu reconhecimento e aceitação entre as demais áreas das ciências sociais. Em função dessa tradição dos estudos antropológicos, abriu-se um espaço para o desenvolvimento, propagação e receptividade das abordagens qualitativas (*ibid*).

As décadas de 60 e 70 do século XX representam uma fase de renovação e aceitação da pesquisa qualitativa. Mas ainda privilegiava-se a pesquisa quantitativa, suas hipóteses, estatísticas e análise de dados por meio de tabelas e gráficos, concebendo-os como produção do conhecimento científico. Já nos anos de 1980, a pesquisa qualitativa dá um novo salto, e, pela primeira vez, várias correntes teóricas e métodos são discutidos lado a lado, abrindo espaço para novas correntes teóricas, tais como: o interacionismo simbólico, a etnometodologia, a fenomenologia social, entre outros (FLICK, 2004, p. 17-30).

O interacionismo simbólico tem como precursor George Hebert Mead e Hebert Blumer. O foco principal dessa corrente, como o próprio nome delimita, são os processos de interação, ou seja, a “ação social que se caracteriza por uma orientação imediata” (JOAS, 1999, p.84). Para Blumer, existem três premissas básicas para explicação de sua compreensão metodológica:

A primeira premissa é de que os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles [...] A segunda premissa é a de que o significado dessas coisas provém, ou resulta, da interação social que se tem com o outro. A terceira premissa é a de que esses significados são controlados em um processo interpretativo, e

modificados através deste processo utilizado pela pessoa ao lidar com as coisas com as quais depara (JOAS, 1999).

A forma como o sujeito dá significado aos objetos, aos eventos, às atividades, às experiências, entre outros, é o ponto inicial para a pesquisa. E, a reconstrução desses significados valorizando o lado subjetivo destes itens é o principal instrumento de análise dos mundos sociais, como define Blumer. Nesta concepção, todo o aparato metodológico da pesquisa qualitativa gira em torno da reconstrução do ponto de vista do sujeito e no significado que eles atribuem às experiências e eventos, na tentativa de explicar a si mesmo, o mundo ou parte deste mundo.

Outra corrente teórica que deu novo impulso à pesquisa qualitativa foi a etnometodologia, fundada por Harold Garfinkel. A etnometodologia busca compreender como as pessoas, em um processo interativo e por meio dele, produzem a sua realidade social em função de que esta realidade social, para Garfinkel, é determinada pelos sujeitos que produzem a ação na sua interação com o meio social. Logo, o objetivo desta corrente teórica é apreender o “como”, ou seja, a maneira como foi produzida a realidade social, na tentativa de reconstituir o contexto de interação entre os sujeitos (FLICK, 2004; ALENCAR, 2007).

Nesta mesma sequência, a etnometodologia estuda os processos interativos, sobretudo, os relacionados à fala e à conversação (Flick; Alencar, *op. cit.*). Outro aspecto importante desta corrente teórica é o valor dado às práticas cotidianas como constitutivas do mundo. Para Garfinkel, essas práticas são reflexivas podendo, também, ser relatadas e analisadas.

A partir dos anos de 1980, com a abertura para novas formas de se fazer pesquisa e o debate metodológico entre os diferentes grupos de pesquisadores, há a consolidação da abordagem qualitativa dentro da academia. Cria-se uma abertura a vários instrumentos de pesquisa, que antes eram criticados e mal vistos pelos defensores da pesquisa quantitativa, tais como a observação participante, pesquisa-ação, experiências de vida, estudos de caso e etnográficos, análise de entrevistas, diário de campo, etc. Existe, também, uma maior produção de artigos, livros, dissertações e teses de doutorado que fazem uso desta metodologia e falam sobre os desafios enfrentados nos últimos anos pela pesquisa qualitativa (ALENCAR, 2007; WELLER e PAFF, 2010).

Um dos primeiros sinais de mudança e de reconhecimento da pesquisa qualitativa é a ampliação do uso dessa abordagem em pesquisas educacionais. Há, também, um aumento de incentivo à pesquisa qualitativa por parte das agências financiadoras de projetos, um número maior de trabalhos defendidos nos cursos de pós-graduação e um aumento do número de ofertas de cursos para preparar pesquisadores que façam uso da pesquisa qualitativa. Para Vilela (2003), esta mudança de paradigma se deve, entre outros fatores, às transformações sociais sofridas nos últimos anos no meio acadêmico e, sobretudo, à apreciação de temas e questões de pesquisa que antes não despertavam interesse entre os pesquisadores (CARVALHO, 2001; VILELA, 2003).

Dando continuidade ao reconhecimento e disseminação do uso da pesquisa qualitativa em estudos que estão presentes na educação, esta pesquisa, na mesma sequência de tantos outros trabalhos na área, tem por objetivo apresentar o referencial teórico-metodológico utilizado na pesquisa de campo. O uso de uma abordagem qualitativa se justifica por ser uma opção metodológica que valoriza vários modelos de investigação que contribuem com o trabalho científico e possibilitam uma melhor compreensão da realidade cotidiana de um determinado grupo.

A pesquisa qualitativa abrange, entre outras técnicas, a observação direta, observação participante, entrevistas e grupos de discussão, ferramentas estas que permitem um amplo leque de possibilidades de investigação e fornecem mais subsídios ao/a pesquisador/a para uma análise mais detalhada do campo:

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2004, p. 20).

A pesquisa qualitativa valoriza a interação do pesquisador com o campo por acreditar que todos são co-participantes na produção do conhecimento, além de conceber a subjetividade como parte essencial a ser considerada e analisada durante a pesquisa de campo. As reflexões do pesquisador sobre suas ações, observações, as discussões e impressões obtidas no processo de investigação constituem-se em parte fundamental da análise e interpretação dos dados.

A abordagem qualitativa, em específico nesta pesquisa, faz uso de várias técnicas que fornecem informações que são favoráveis e oportunas ao trabalho de campo, pois permitem reconstruir diferentes meios sociais, como identificar a construção de identidades e mecanismos que jovens-moças e jovens-rapazes podem fazer uso para interpretar e encarar a discriminação dentro da escola e, sobretudo, em outros espaços da sociedade. A observação participante e os grupos de discussão constituíram os principais instrumentos de coleta de dados, utilizados nessa pesquisa sobre jovens do Ensino Médio. Portanto, seguem-se algumas considerações sobre pesquisa etnográfica na escola, utilização dos grupos de discussão e o uso do método documentário para análise do material empírico.

## 2.2 A Pesquisa Etnográfica na Escola

De acordo com Vidich e Lyman (2002) a etnografia tem sua origem na Escola de Chicago e seus primeiros estudos eram centrados na descrição de “áreas naturais”<sup>8</sup>, bem como das dinâmicas sociais e econômicas presentes na sociedade. A etnografia se referia à ciência que se dedica a descrever os modos de vida de determinado grupo social a partir da sua cultura. Com as transformações sofridas ao longo da história da pesquisa qualitativa, os estudos etnográficos receberam uma nova configuração e quando aplicado à escola seu objetivo principal está relacionado à compreensão dos aspectos culturais do processo de ensino e de aprendizagem, considerando as relações estabelecidas nas escolas e na sociedade. Todos os atores da sociedade são reflexos das relações sociais (CAVALLEIRO, 2010).

Conforme destaca Sarmiento:

[...] a etnografia visa apreender a vida, tal qual ela é cotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos de ação. [...] é uma interpretação de interpretações (SARMENTO, 2003).

---

<sup>8</sup> Park (apud, Vidich e Lyman, 2002) conceituou área natural a partir de uma análise hipotética que ele faz em relação as cidades, como sendo um grande laboratório social por ter em si uma enorme diversidade cultural, com vários povos, estilos de vida e visões de mundo, que por ora concorriam entre si, ora contrastavam. Logo, surgiram vários estudos etnográficos que buscavam descrever e examinar grupos urbanos que estavam ou não de acordo com padrões das classes médias (*op. cit.*, p. 61).

São várias as características que determinam o caráter etnográfico de uma pesquisa em educação. O contato direto com o/a pesquisador/a no campo, a familiarização com a realidade pesquisada, análise da ação e reação dos envolvidos, etc. Não se busca, apenas, registrar o discurso dos participantes do campo, mas, sobretudo, o estudo da subjetividade, dos sentimentos e das emoções.

Ganhará qualidade a pesquisa etnográfica quando os/as pesquisadores/as tiverem atenção para comparar os dados, confrontar as falas sobre a realidade, cruzar os dados, perceber a possibilidade de interseção entre as categorias, etc. (CAVALLEIRO, 2010, no prelo).

O/a pesquisador/a deve se preocupar com os significados e a maneira que as pessoas se vêem, as suas experiências e o mundo que os cerca. Deve, ainda, apreender e retratar essa visão pessoal dos/as participantes (ANDRÉ, 1995). O que permite desenvolver estudos consistentes sobre as relações sociais estabelecidas nas escolas agregando qualidade e prestígio aos resultados da pesquisa, pois abre espaço para o/a pesquisador/a se aproximar dos/as participantes, facilitando a compreensão dos fatos e das ações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como dos significados que estes sujeitos atribuem às suas experiências. A pesquisa etnográfica é essencial para descobrir como acontece a socialização dos/as jovens no ambiente escolar.

### **2.3 A utilização dos Grupos de Discussão como método de pesquisa**

Apesar de haver registros sobre o uso dos grupos de discussão na década de 1950 foi somente, na década de 1970 que os grupos de discussão passaram a ser reconhecidos como método de pesquisa (WELLER, 2006). No entanto, quem transformou essa metodologia foi Werner Mangold, apresentando outro enfoque às informações obtidas nas entrevistas em grupos. Com essa nova releitura do método as opiniões dos/as participantes passaram a expressar a compreensão do grupo sobre determinado tema, o que passa a configurar como sendo as visões de mundo dos/as participantes dos grupos de discussão (MANGOLD, 1960 *apud* WELLER, 2006).

Mas, foi na década de 1980 que os grupos de discussão passaram a ser aceitos como método de pesquisa, principalmente nos estudos sobre juventude. Porque o/a jovem quando está interagindo com os seus pares é capaz de compartilhar suas experiências e vivências a partir da sua relação com o meio social em que vive. Os grupos de discussão vêm ao encontro dessa parcela da população, porque permitem analisar as fases, as nuances desse período específico da vida, que é a juventude e seus conflitos, descobertas, mudanças, etc.

Os grupos de discussão podem ser vistos como um método de pesquisa que traz em si a possibilidade de coletar informações de várias pessoas ao mesmo tempo, além de permitir reconstruir diferentes contextos sociais, bem como conhecer como vive determinado grupo social e/ou classe social. Uma vez que, o que é apresentado pelo grupo no momento da entrevista pode ser interpretado como sendo as visões de mundo do grupo social e as representações coletivas dos grupos a que pertencem os/as entrevistados/as.

As visões de mundo como bem define Mannheim (*apud* WELLER, 2005b) são construídas a partir das ações práticas e pertencem ao campo atóricico, ou seja, a história de vida do sujeito também faz parte da análise, bem como serve de conteúdo para a conceituação teórica deste conhecimento atóricico. Sendo assim, a orientação coletiva do grupo e suas motivações estão por trás de suas ações, pois as interpretações dos dados não podem excluir as diferentes maneiras de ver o mundo, experiências adquiridas ao longo da vida, entre outros aspectos.

A escolha dos grupos de discussão como procedimento principal para a coleta de dados deve-se ao fato de que a discussão em grupo cria uma situação interativa e mais próxima do cotidiano dos estudantes. Com isso, é possível ver o que está por detrás das opiniões apresentadas nas falas dos/as jovens entrevistados/as, o que permite uma interpretação dos dados que melhor corresponde à realidade do grupo (WELLER, 2005b e 2006).

Os grupos de discussão são representativos para um meio social e, não apenas, detentores de opiniões. Busca-se analisar as concepções do grupo sobre determinado tema. Privilegia-se as interações e maior inserção dos participantes, o que se torna positivo em pesquisas que envolvem jovens e/ou adolescentes. São discutidas questões relacionadas às experiências vividas em conjunto, estilos de

vida, partilha de angústias e projetos de vida, etc., possibilitando reconstruir diferentes meios sociais a partir do *habitus* coletivos do grupo.

Segundo Bonhsack e Weller (2006) para adquirir propriedade de método, os grupos de discussão devem ser conduzidos de forma que os processos interativos, discursivos sejam metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico que se relacione com o objeto da pesquisa e seus objetivos. Nesse sentido, para o estudo em questão o método documentário de interpretação é o que melhor se aplica para análise dos dados coletados na pesquisa de campo.

## **2.4 O Método Documentário de Interpretação**

O método documentário de interpretação está inserido no rol das abordagens hermenêuticas-sociológicas e interacionistas de análise de dados definido também como um “método reconstrutivo” (WELLER, 2010). Este método está situado nos pressupostos da pesquisa qualitativa, mais especificamente, na corrente teórico-metodológico que se pauta na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim (WELLER *et al*, 2002), mas também sofreu influências da Escola de Chicago, da Fenomenologia Social, do Interacionismo Simbólico e da Etnometodologia.

Com a Sociologia do Conhecimento surgia uma nova possibilidade de entendimento dos espaços sociais e de compreensão das visões de mundo de diferentes grupos. É um novo caminho, um novo olhar sobre as vivências e experiências ligadas a uma mesma estrutura que perpassam a vida de vários indivíduos. Para Mannheim (*apud* WELLER, 2002 e 2006) as visões de mundo são construídas no campo do conhecimento atóricico, é um saber comum que os indivíduos detêm apesar de não ser explícito, é um conhecimento que todos dominam, mas muitas vezes “não sabem o quanto sabem”. O papel do pesquisador/a nesta relação que é estabelecida entre ele e o grupo é, portanto, de lançar um olhar atento à realidade do grupo na busca de encontrar, em suas vivências, falas e experiências de vida, o conhecimento atóricico implícito no trabalho de campo, com o intuito de transformá-lo em conhecimento teórico, ou seja, em um conhecimento que nos leve a conhecer novas realidades e formas de interpretar o mundo e as coisas.

O método documentário de interpretação permite ir além das aparências e do senso comum que, por vezes, é construído no imaginário de um grupo. É a oportunidade de reconstruir uma realidade e interpretá-la à luz das experiências das pessoas que fazem parte do contexto analisado, já que o método possibilita compreender os dados empíricos, bem como avaliá-los. Abre-se um leque de possibilidades para o/a pesquisador/a que se configura como uma grande mudança se comparado à pesquisa quantitativa. Uma vez que, é valorizada a fala e ação dos atores envolvidos na pesquisa, bem como é reconstruído o sentido da ação no contexto social em que ela está inserida.

Para Mannheim (*apud* WELLER *et al*, 2002) a interpretação dos dados coletados em campo abrange três níveis de sentido: nível objetivo ou imanente, que é dado naturalmente; nível expressivo, transmitido por meio das palavras e o nível documental, é o documento da ação prática. Portanto, exige a reconstrução dos sentidos de uma ação, a qual se encontra inserida em determinado contexto. Para fazer a análise dos grupos de discussão o/a pesquisador/a deve fazer um relatório descrevendo o local e as condições onde foram realizadas as entrevistas. Se possível, aplicar um questionário com perguntas que contribuam para a interpretação das falas dos/as jovens. O primeiro passo da interpretação chama-se *Interpretação formulada* que se caracteriza pela divisão da entrevista em temas, subtemas e passagens, ou seja, é a organização temática, a formulação da estrutura do texto em tópicos. É neste momento que é feita a seleção das passagens centrais, também conhecidas como *metáforas de foco*, e, por fim, selecionam-se as passagens mais importantes para a pesquisa. A principal preocupação neste período de análise é compreender a essência das falas dos/as participantes da entrevista e reescrever o que foi dito pelos/as estudantes (WELLER, 2005).

A segunda parte do trabalho de interpretação é conhecida por *Interpretação refletida*. Nesta fase busca-se compreender o modelo de orientação coletiva, o *habitus* coletivo. Realiza-se uma reconstrução da estrutura formal dos textos, e no caso dos grupos de discussão a reconstrução da organização do discurso e a identificação da forma como os participantes se referem uns aos outros ganha destaque central (BONHSACK e WELLER, 2005 e 2006).

Bonhsack (*apud* WELLER, 2005) fez uma releitura destes níveis apresentados por Mannheim com a finalidade de adaptá-los à um método de análise

que atendesse aos objetivos da pesquisa social empírica. O método documentário pode ser utilizado para a análise de grupos de discussão, entrevistas narrativas, vídeos, documentos históricos e, atualmente, vem sendo empregado em estudos que fazem uso de fotografias e imagens como material de pesquisa. No entanto, até o momento, o método documentário tem sido mais utilizado em análises de grupos de discussão (BONHSACK e WELLER, 2005 e 2006).

**PARTE II – PESQUISA EMPÍRICA: RELAÇÕES DE GÊNERO NO  
ENSINO MÉDIO**

### **CAPÍTULO 3 – OS/AS JOVENS NO CENTRO DA INVESTIGAÇÃO - O CAMPO**

Este capítulo apresenta o caminho metodológico trilhado que possibilitou a investigação desenvolvida à luz de uma abordagem qualitativa, que envolve aspectos da pesquisa etnográfica. As informações obtidas a partir dessa abordagem serviram de base para a compreensão do objeto em estudo, no caso, a análise das relações de gênero entre os/as jovens do Ensino Médio em escolas públicas do Distrito Federal.

A pesquisa etnográfica, através da observação participante, abriu espaço para a interação da pesquisadora na escola, da forma mais natural possível, e no cotidiano escolar dos/as jovens envolvidos/as na pesquisa, somado ao registro das falas dos/as jovens durante a realização dos grupos de discussão e aplicação de questionários.

Também é descrita a caracterização da escola selecionada para este estudo, a inserção no cotidiano escolar, a recepção dos/as estudantes, o critério utilizado para escolha dos sujeitos que participaram dos grupos de discussão, a organização nos diferentes espaços e práticas cotidianas, o horário de intervalos entre as aulas, as trocas de salas, a chegada e a saída dos/as jovens, bem como os projetos pedagógicos desenvolvidos nesta escola.

Todas estas informações serviram para fornecer subsídios que possibilitaram alcançar o objetivo deste estudo que é compreender como se constituem as relações de gênero entre os/as jovens do Distrito Federal, em específico os/as que frequentam o Ensino Médio em escolas públicas. A pesquisadora com o intuito de obter informações detalhadas do dia-a-dia dos/as jovens, fez-se presente na escola durante a pesquisa de campo, acompanhando a coordenação em atividades de gestão e organização do trabalho pedagógico, os/as professores/as e turmas durante as aulas.

Depois da escolha metodológica, surgiram várias inquietações sobre os critérios a serem considerados para a escolha da escola, porque queríamos encontrar uma freqüentada por jovens de várias classes sociais, diferentes níveis culturais e diferentes estilos de vida. Encontramos essas especificidades em uma

escola pública de Ensino Médio em Taguatinga. A escola é formada por moradores de diferentes regiões administrativas e entorno do Distrito Federal, que possuem diferentes níveis sócio-econômicos. Com base nestes critérios, a escola selecionada para a realização do estudo de campo foi o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz<sup>9</sup>. A seleção desta escola, também, se justifica pelos seguintes fatores:

- Está localizada próximo ao centro de Taguatinga, local de fácil acesso pela rota de ônibus para as cidades vizinhas e entorno.
- Ser uma das escolas mais tradicionais do Distrito Federal, não somente pelo tempo de existência, mas pelo papel histórico de luta por uma escola pública de qualidade para todos, desde sua criação, na década de 1960, época da construção de Brasília. Por muitos anos, foi referência em educação no Distrito Federal, mas, atualmente, com a proliferação de escolas particulares com preço acessível às diferentes classes populares na cidade, perdeu uma parte de seu prestígio e reconhecimento pelos moradores de Taguatinga e tem atendido mais aos alunos/as oriundos de outras regiões administrativas e entorno.
- Atende, atualmente, aproximadamente 3.100 estudantes no Ensino Médio regular, em três turnos.
- Em sua grande maioria os/as estudantes escolheram esta instituição por acreditarem que esta é uma boa escola pública, que oferece uma educação de qualidade, mais segura e com menor índice de violência entre os/as alunos/as.
- Explicita em seu projeto político pedagógico, que um dos objetivos da organização pedagógica e curricular da escola é preparar os/as estudantes para o vestibular da Universidade de Brasília, de outras entidades de Ensino Superior e para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM
- É a primeira escola da rede pública que tem como proposta político-pedagógica a transformação do Ensino Médio em tempo integral.

Todas estas características foram consideradas na delimitação do trabalho de campo, pois o trabalho empírico dá sustentação a uma pesquisa científica e as condições devem ser favoráveis para se alcançar os objetivos propostos na

---

<sup>9</sup> Este é um nome fictício dado a escola para preservar as informações concedidas pelos alunos/as.

construção do conhecimento. Por entender que a constituição das relações de gênero entre os/as jovens ocorre em diferentes momentos e espaços, bem como dentro e fora da escola foram realizadas observações em diversas ocasiões e locais. Além da sala de aula, também se observou a chegada e a saída dos/as jovens, o intervalo, a troca de sala<sup>10</sup> e a concentração de estudantes em frente à escola.

Pretendeu-se, inicialmente, conhecer as turmas do segundo ano do Ensino Médio no final de 2008 e, depois, no início do ano letivo de 2009, quando os/as jovens já estivessem no terceiro ano, para acompanhá-los desde o começo das aulas e realizar os grupos de discussão no final do primeiro bimestre. A intenção era reservar um tempo somente para observação participante e obtenção de dados etnográficos da escola, para, em seguida, aplicar os questionários e constituir os grupos de discussão. Assim, a pesquisadora teria um tempo maior para realizar a apresentação da pesquisa, esclarecer dúvidas por parte dos/as professoras, expor como seria realizado o estudo de campo e, sobretudo, procurar conhecer o perfil das turmas e selecionar os/as jovens de turmas específicas, com características que permitissem retratar, o mais próximo possível, a realidade dos/as jovens que estão concluindo o Ensino Médio.

O contato inicial foi feito com a diretora da escola, que se mostrou bastante receptiva. A proposta de pesquisa foi apresentada e ela gostou muito porque vinha ao encontro dos projetos pedagógicos desenvolvidos na escola. Na opinião dela, o estudo de campo só viria a somar e, na ocasião, nos convidou a ajudá-la a organizar o referencial teórico do projeto pedagógico da escola a ser enviado à Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Já no final do mês de novembro, a vice-diretora nos apresentou à professora Sandra que lecionava a disciplina de história para o segundo ano do Ensino Médio. A direção “sugeriu” que os questionários fossem aplicados, e que se realizassem os Grupos de Discussão com os/as alunos/as do segundo ano para depois realizar a pesquisa de campo no ano seguinte, quando estariam terminando o Ensino Médio.

---

<sup>10</sup> A escola possui salas temáticas e a cada troca de professor/a os/as estudantes se deslocam de uma sala para outra. Mas, as salas não possuem uma caracterização diferenciada de acordo com a temática da aula ministrada pelo/a professor/a, com exceção da sala da aula de artes que possui uma mesa redonda, é bem arejada e espaçosa. É mais uma questão de organização e característica própria da escola, que também trabalha com aulas duplas de cada disciplina.

Achamos importante a proposta feita pela escola e optamos por aceitar o que nos foi sugerido.

Explicamos a metodologia do trabalho de campo para a professora Sandra e, a partir desta conversa, ela nos concedeu um horário<sup>11</sup> para que fizéssemos o primeiro contato com os/as estudantes. Apresentamos o tema da pesquisa e como aconteceria o desenvolvimento da mesma. A turma demonstrou interesse em participar. Aproveitando o momento, marcamos um retorno na semana seguinte para apresentar um filme que abria espaço para uma discussão sobre gênero.

No dia marcado, fomos para a sala de vídeo e ficamos esperando os/as estudantes, mas ninguém apareceu. Era horário contrário ao da aula e a escola encontrava-se no período de aplicação de provas do quarto bimestre. Segundo a professora, nesta época do ano, muitos estudantes sabem que já estão aprovados e por isso não costumam vir à escola com frequência. Mesmo assim, tentamos remarcar o dia para apresentar o filme, mas não havia horário disponível entre as aulas e só quem estava indo às aulas eram os/as alunos/as que estavam em recuperação de alguma disciplina. O único dia disponível seria na primeira semana de dezembro, no entanto, não havia mais ninguém na escola porque as notas já tinham sido lançadas no diário e, por esse motivo foi necessário esperar o novo ano letivo para dar início à pesquisa de campo.

Para Flick (2004), a entrada do/a pesquisador/a no campo esbarra no problema do acesso à instituição que, em sua compreensão, entende que:

...negociar a entrada em uma instituição é menos uma questão de fornecer informações do que estabelecer uma relação. Nessa relação, deve-se desenvolver confiança suficiente nos pesquisadores enquanto pessoas e em sua solicitação, para que a instituição – a despeito de todas as reservas – envolva-se na pesquisa. No entanto, é ainda necessário salientar que as discrepâncias de interesses e perspectivas entre os pesquisadores e as instituições em estudo não podem ser, em princípio, eliminadas. Podem, contudo, ser minimizadas pelo desenvolvimento da confiança até o ponto de forjar uma aliança de trabalho na qual a pesquisa se torne possível (FLICK, 2004, p. 72).

---

<sup>11</sup> As aulas de cada disciplina são, em sua maioria, horários duplos, cada horário tem, em média, 50 minutos de duração.

Mesmo encontrando dificuldades, decidimos continuar fazendo visitas à escola. Queríamos descobrir qual era a rotina dos/as jovens. Aproveitamos para entender o funcionamento da coordenação pedagógica e direção, qual o seu papel frente aos/as alunos/as. Acompanhamos os últimos meses de aula do ano de 2008 até o início das férias, passamos horas conversando com a vice-diretora, com professores, menos com os/as alunos/as porque eles/as só nos observavam, era como se nós estivéssemos “invadindo” o espaço deles/as e, também, por estarmos sempre entrando na sala dos/as professores/as, direção e coordenação.

Nessas visitas, a vice-diretora explicou o funcionamento geral da escola, indicou as possibilidades de horários e dias para observação, expôs as características da comunidade escolar, apresentou-nos ao grupo de professores/as e à equipe da direção. Também forneceu alguns textos sobre a história da escola, trouxe para nossa conversa, os avanços alcançados na gestão da qual ela estava à frente, bem como os problemas com a falta de apoio da Secretaria de Educação e os desafios que vinha enfrentando para tornar a escola um espaço com mais recursos e com melhores condições para atender os/as jovens do Ensino Médio.

Na oportunidade, também, conversamos sobre o andamento das negociações com a Diretoria Regional de Ensino sobre a possibilidade da escola passar a ser de tempo integral. Uma proposta inovadora que, sendo aceita, tornaria o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz a primeira escola de Ensino Médio em tempo integral, que concederia uma formação ampla para os seus alunos.

Além das vantagens de se utilizar a pesquisa etnográfica como instrumento de trabalho, de acordo com Paz (2008), a observação participante também é parte fundamental da pesquisa qualitativa porque permite ao pesquisador/a se aproximar da realidade da escola fazendo com que os sujeitos se acostumem e passem a agir naturalmente. Dessa forma, entende-se que a observação participante ajuda a compreender essa complexidade que é a realidade escolar e, sobretudo, por abrir espaço para uma avaliação pormenorizada de aspectos essenciais ao estudo de campo (PAZ, 2008, p. 45 e 46).

### 3.1 Trilhas metodológicas da pesquisa

Após definir os procedimentos metodológicos a serem seguidos, deu-se início ao trabalho de campo. Mas, para melhor situar o leitor na leitura do trabalho, traçamos o panorama geral a partir da apresentação da cidade de Taguatinga até o encontro com os/as alunos que participam dos grupos de discussão.

### 3.2 A cidade de Taguatinga

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública de uma cidade do Distrito Federal - Taguatinga - no primeiro semestre de 2009. A história da construção da cidade de Taguatinga serve como base para compreender a realidade atual da região, pois tudo teve início na construção de Brasília porque muitos governos incentivaram as pessoas a saírem de seus estados de origem, para a criação da Nova Capital do país. No entanto, ao chegarem a Brasília encontravam a Cidade Livre<sup>12</sup> superlotada e não tinha mais espaço para receber migrantes. Várias invasões começaram a surgir e, incomodados com esta situação, os migrantes começaram a reivindicar por condições melhores de moradia. Estas invasões, na época da construção de Brasília, que se encontravam na entrada do Distrito Federal, eram em regiões sem luz, água, esgoto, ruas e as pessoas moravam de forma precária.

As pessoas se organizaram com o objetivo de ir até a Presidência da República pedir um local para se instalarem. Na iminência de uma manifestação pública, a Novacap tomou a iniciativa de transferir as invasões para um local destinado a conceder à população uma infraestrutura básica como forma de solucionar o problema habitacional daquele momento histórico. Desta forma foi dado início à construção da cidade de Taguatinga. As primeiras famílias se fixaram próximo à Praça do Relógio<sup>13</sup>, centro da cidade.

---

<sup>12</sup> A Cidade Livre, atualmente cidade do Núcleo Bandeirante, era a o local onde os trabalhadores da Nova Capital residiam.

<sup>13</sup> A Praça de Relógio é um ponto de referência para os moradores de Taguatinga por causa do comércio existente a sua volta.



Figura 1: Praça do Relógio

A cidade de Taguatinga, em tupi-guarani “branco-branco”, foi criada oficialmente em 05 de junho de 1958. É a terceira região Administrativa do Distrito Federal. De acordo com dados do Censo 2000, a população urbana e rural é de aproximadamente 243.575, com uma parcela de 56.289 jovens entre 15 e 24 anos, sendo que, dentro deste número há 26.115 homens e 30,174 mulheres. A população é constituída tanto por pessoas nascidas no Distrito Federal, como também por pessoas vindas de diversos estados.<sup>14</sup>



Figura 2: Mapa das cidades do Distrito Federal

<sup>14</sup> <http://www.taguatinga.df.gov.br/> Acesso em 26/02/2010 às 16h29.

A rede pública de ensino em Taguatinga é coordenada pela Diretoria Regional de Ensino de Taguatinga – DRET. No ano de 2009, a cidade possuía 04 Centros de Educação Infantil, 33 Escolas Classes, sendo 04 Rurais, 13 Centros de Ensino Fundamental, 10 Centros de Ensino Médio, 05 Centros Educacionais, 01 Centro de Ensino Especial, 01 Centro de Atendimento Integrado da Criança - CAIC<sup>15</sup> e 01 Escola Técnica.

### 3.3 O Centro de Ensino Médio Alice Ruiz

O Centro de Ensino Médio Alice Ruiz está localizado próximo ao centro de Taguatinga, local de fácil acesso pelas rotas de ônibus para as cidades vizinhas e entorno. Em volta da escola existem muitas lojas, colégios, igrejas, bancos, praça, metrô, feiras e dois *shopping centers*. É uma cidade movimentada, com uma grande circulação de pessoas, carros e ônibus. Na cidade, há uma mistura de prédios residenciais e comerciais. O comércio e a prestação de serviços movimentam a economia da cidade.

Três anos depois da criação de Taguatinga foi fundada a escola e, por muitos anos, foi o centro mais tradicional de ensino do DF, na época conhecida por Ginásio de Taguatinga. O primeiro curso a ser oferecido foi o ginásial diurno. Só em 1962 começou a funcionar o horário noturno. Foi nesse período que a escola começou a obter credibilidade popular, porque, por tradição nas cidades satélites, a comunidade acreditava que somente as escolas particulares ofereciam o melhor ensino e com o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz este conceito mudou, a comunidade começou a ver o diferencial no ensino oferecido por esta escola.

Era comum, no período das matrículas quando realizadas pelas escolas, formarem-se filas enormes de pais e responsáveis dos/as jovens em frente ao Centro de Ensino Médio Alice Ruiz à procura de vagas na mesma, a tal ponto de dormirem na frente da escola (Fonte: Documentos internos da escola – Proposta

---

<sup>15</sup> O Centro de Atendimento Integrado da Criança compõe a rede pública de educação do Distrito Federal e tem por objetivo contribuir na aprendizagem do conteúdo escolar, bem como oferecer uma formação ampla às crianças. Tem por princípio fortalecer os valores de solidariedade, educação, ética e o exercício da cidadania.

Político Pedagógica do Centro de Ensino Médio Alice Ruiz *A identidade social da juventude da Alice Ruiz*).



**Figura 3: Fachada do Centro de Ensino Médio Alice Ruiz**

A escola está cercada por um muro enorme e extenso, estampado por pinturas e pichações. É o local em que a maioria dos/as alunos/as espera pelo sinal de entrada para o início das aulas. Esse muro impossibilita enxergar o interior da escola pelos transeuntes, sobretudo, impede que os/as jovens façam contato com pessoas externas à escola. Os dois porteiros mantêm rígida vigilância sobre a entrada e a saída dos/as alunos/as. É obrigatório o uso da camiseta do uniforme para se ter acesso ao ambiente escolar.

O espaço físico da instituição é dividido em trinta salas de aula, cinco laboratórios (física, química, biologia, informática e geometria), uma sala de projetor multimídia, duas salas de vídeos, equipadas também com aparelhos de DVD, uma sala de recursos visuais, uma sala de reprografia, três salas de coordenação, uma sala de orientação escolar, duas salas de artes, uma sala de musculação, um auditório, uma biblioteca, uma sala de múltiplas funções, uma videoteca, três quadras de esportes, uma sala de professores, uma sala de recepção da secretaria, uma sala da Associação de Pais, Alunos e Mestres – APAM, duas guaritas e uma sala de apoio (escola inclusiva).

A escola atendeu em 2009, um total de aproximadamente 3.100 jovens, sendo que a maioria desses alunos/as são oriundos das cidades de Ceilândia,

Samambaia, Riacho Fundo I e II, Recanto das Emas e entorno do Distrito Federal. Apenas uma pequena minoria reside nas proximidades da escola. Ao todo são setenta turmas de alunos/as e duzentos profissionais de educação (professores, orientadores, assistentes, etc.)

O diretor, a vice-diretora, os dois supervisores pedagógicos, os supervisores administrativos, o setor disciplinar e a secretaria formam a estrutura da direção escolar, que são responsáveis por coordenar as atividades da escola. Oferece atendimento nos turnos matutino, vespertino e noturno:

	<b>MATUTINO</b>	<b>VESPERTINO</b>	<b>NOTURNO</b>	<b>TOTAL</b>
1ª série	4 Turmas	17 Turmas	3 Turmas	24 Turmas
2ª série	8 Turmas	9 Turmas	4 Turmas	21 Turmas
3ª série	16 Turmas	2 Turmas	5 Turmas	23 Turmas
Correção de fluxo	1 Turma	1 Turma	-	02 Turmas

Quadro 1: número de turmas na escola nos três turnos, período letivo de 2009.

Cada sala de aula comporta em torno de 45 jovens. Eles eram organizados por série (primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e Educação de Jovens e Adultos-EJA). O número de turmas oferecidas varia anualmente e obedece à progressão dos/as alunos/as, ou seja, o nível de aprovação e repetência dos/as jovens em um ano determina o número de turmas no ano seguinte. Ao mesmo tempo, a demanda de alunos/as repetentes e vindos de outras unidades de ensino influencia na formação das turmas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, esta escola tem por meta oferecer à comunidade escolar uma educação que transforme para melhor a sociedade por meio de uma educação para a justiça, para a paz em sintonia com o meio ambiente. É uma escola comprometida com a educação integral de jovens e adultos. É importante salientar que esta escola tem como meta preparar os seus alunos/as para o vestibular da Universidade de Brasília (UnB) e outras instituições de educação superior.

Além das disciplinas que fazem parte do currículo do Ensino Médio, a escola inseriu, em seu conjunto de disciplinas, uma parte diversificada em que são

abordadas, junto aos jovens, a temática de gênero, as questões raciais, a inclusão de portadores de deficiência, a partir de conceitos como exclusão social, identidade, patriarcado, diversidade e diferença. Estas temáticas são desenvolvidas por meio de projetos pedagógicos que perpassam os três anos do Ensino Médio. Existe, também, a Feira de Profissões que tem por objetivo incentivar os/as jovens a participar de cursos técnicos oferecidos pela Escola Técnica de Brasília (ETB).

### 3.3.1 O cotidiano na escola Alice Ruiz

A entrada, no período vespertino, ocorre às 13h20, horário em que toca o sino para a entrada dos alunos nas salas de aula. Mas, bem antes deste horário, muitos alunos/as vão chegando, se reunindo do lado de fora da escola. Sempre estão em grupos de três a cinco jovens, de ambos os sexos. Conversam alto, dão muitas risadas, se abraçam, se beijam como forma de cumprimento. Alguns carros ligam o som e as músicas são de estilos variados: funk, sertanejo, axé, rap, etc. Sempre há algumas jovens que, enquanto conversam, *ensaíam* passos de dança com as amigas.

Mas existem jovens que não se envolvem nos grupos, ficam de longe observando o que acontece ao seu redor. Permanecem calados, segurando seus cadernos, livros e não demonstram interesse nas conversas, nas brincadeiras e nas músicas, ficam alheios, como se não fizessem parte dessa realidade. Após o toque do sinal de entrada, os dois porteiros abrem o portão e todos entram lentamente. No entanto, não se dirigem para as salas de aula; sentam-se nos bancos, nas escadas da entrada, ficam em pé em frente à lanchonete da escola e continuam a conversar sem se preocupar em ir para as salas de aula. Logo, aparece alguém da direção que dá o grito: *Pra sala, pra sala...* E assim os/as jovens vão se direcionando para as salas sem dar atenção à pessoa que está falando, não olham, não respondem, continuam a conversar, sorrir como se não fosse para eles/elas aquela ordem.

Sempre tem alunos/as que permanecem nos corredores da escola, geralmente, são casais de namorados<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> É interessante ressaltar que a direção e a coordenação não aprovam que os/as alunos/as namorem dentro da escola. No entanto, são vários os casais de namorados que se beijam, se abraçam, demonstram carinho como se estivessem sozinhos. Não se incomodam com as constantes

Ao chegarem à sala de aula, os/as jovens ainda esperam alguns minutos, porque a maioria dos/as professores/as ainda está se dirigindo às salas de aulas. Nesse ínterim, ficam fora da sala, continuam conversando e, às vezes, aproveitam para ir até o banheiro ou ao pátio da escola, local arejado, onde há bancos para se sentar e ficar mais afastado da direção.

Os/as jovens que chegam atrasados são encaminhados à direção e conversam com a vice-diretora que procura saber o motivo do atraso e orienta para que isso não se repita. A vice-diretora mantém uma relação aberta e próxima com os/as alunos/as, usa a mesma linguagem utilizada entre eles e procura estabelecer uma relação de amizade. Tudo o que acontece na escola é passado para a vice-diretora que busca resolver os problemas, conversar e ouvir reclamações. Já o diretor é uma pessoa séria, distante e que, em momento algum, dirigiu a palavra a mim ou a um/a jovem.

Nos dias em que ficamos na escola, pudemos observar que todos os dias faltam muitos/as professores/as. Os motivos das faltas vão desde atestados médicos, cursos, afastamentos a faltas sem justificativas. Por esse motivo, muitos jovens já chegam indagando se o/a professor/a do primeiro horário faltou, e logo pedem para *subir aula*<sup>17</sup>. Quando descobrem quais professores faltaram os/as jovens comunicam entre si e se organizam para sair mais cedo naquele dia. Neste caso, o representante de turma<sup>18</sup> vai até a sala de coordenação ver se o/a professor/a deixou alguma atividade a ser realizada em sala de aula, porque, ao término da mesma, os/as alunos/as estarão livres para fazer qualquer atividade.

É importante salientar ainda, a forma como os/as jovens se vestem. Apesar de ser obrigatório o uso do uniforme dentro da escola, criam formas de mudar, de

---

chamadas de atenção feitas pela equipe pedagógica da escola. Cabe ressaltar que, na escola, existem casais formados por jovens homossexuais, mas ninguém comenta nada, os/as alunos/as e a equipe pedagógica age como se não estivessem vendo. Durante o período em que permaneci na escola escutei vários relatos de jovens que engravidaram, pararam de estudar e depois voltaram. Não me aprofundi nesta questão da gravidez na juventude e dos casais homossexuais por não constituir foco de minha pesquisa.

<sup>17</sup> *Subir aula* significa que o/a professor/a da aula seguinte poderá passar uma atividade a ser realizada na turma e depois disso os/as alunos/as estão dispensados. A realização da atividade e a chamada valem como aula dada. Apesar da prática ser proibida pelo Regimento Interno da escola, é muito comum acontecer.

<sup>18</sup> No começo do ano, por votação, são eleitos um representante e um vice-representante em cada turma. Esta pessoa fica responsável por estabelecer a comunicação entre a equipe pedagógica, professores/as e colegas de sala de aula. Na ausência do professor, o representante de turma distribui atividades e acompanha o seu desenvolvimento.

ser diferente. As jovens estão sempre maquiadas (lápiz nos olhos, blush, sombras, bolsas grandes, rímel, gloss, perfumes, etc.), a maioria usa calça jeans colada e de cós baixo, acompanhado de muitos acessórios (brincos, óculos de sol, pulseiras, anéis, prendedor de cabelos, etc.), usam saltos ou sandálias cheias de adereços (brilho, strass, fitas, etc.). No entanto, existem, também, as exceções: jovens que se vestem de acordo com sua religião, jovens que pertencem a grupos que possuem um estilo próprio de se vestir (roupas pretas, correntes, caveiras, tênis, calças largas, etc.).

Os jovens, em sua maioria, usavam jeans, calças largas, mostrando uma parte da cueca, e um jeito próprio de andar. Alguns rapazes também usam bermudas de nylon com cores despojadas e alegres. Às vezes, usam boné ou bandana na cabeça. No entanto, a moda do momento era o gel no cabelo e os diferentes penteados (moicanos, topete, arrupiado, *rebelde arrumado*, etc.).

Algumas características são comuns a ambos os sexos: o celular sempre na mão, que serve não só para receber ligações, mas, principalmente para enviar torpedos, tirar fotos e, sobretudo, ouvir músicas. Ligam as músicas no alto falante, cantam e dançam. Riem de tudo e de todos, tudo é motivo para fazerem uma “bagunça”. Nunca andam sozinhos, sempre em grupo de três, quatro jovens, às vezes, em número maior.

As turmas que conseguem “subir aula” são liberadas mais cedo para regressarem às suas casas. No entanto, nem sempre é o que acontece. Os/as jovens se reúnem no pátio externo da escola formam grupos mistos e separados. De repente, alguém aparece com um violão e começam a tocar e a cantar; do outro lado as meninas ligam o celular. As vezes em que escutamos elas ouviam funk, e começavam a dançar. Também faziam insinuações para os rapazes e conversavam sobre as festas do fim de semana. Como existem dois shoppings próximos à escola, muitos alunos/as vão para lá olhar lojas, paquerar e conversar com amigos até chegar a hora de ir para casa.

### **3.3.2 A sala de aula**

As salas de aula são enormes com um quadro negro, com exceção da sala de matemática que possui quadro branco com pincel. O motivo dessa diferenciação não

foi esclarecido por ninguém na escola. Várias cadeiras com prancheta, uma mesa para o professor e uma lata de lixo. As salas possuem um lado de parede com janelas e outro com uma porta que dá de frente para um corredor. Entre os corredores existem gramas.

As paredes da sala são de tijolos marrons e o chão é cinza, o que torna a sala escura. Apesar das janelas serem grandes faz muito calor dentro da sala de aula. A acústica é horrível. Quando os/as alunos/as falam é ensurdecador permanecer dentro da sala. Para o/a professor/a se fazer ouvir em sala de aula é necessário que todos/as façam silêncio. Na maioria das vezes, os/as professores/as precisam gritar para serem ouvidos. Além dessa dificuldade em se fazer ouvir, o/a professor/a enfrenta um problema que é o barulho externo vindo das outras turmas, porque as salas são todas ao lado uma da outra, com exceção da sala de artes que é em um bloco separado.

Em sala de aula, cada professor/a tem a liberdade de executar seu planejamento, sem intervenção da coordenação pedagógica. No início, é realizada a chamada, alguns professores/as chamam pelo nome, outros atribuem números aos alunos/as para agilizar a identificação de quem se faz presente na turma. Os lugares na sala não são marcados e a disposição das cadeiras não é fixa; o/a aluno/a senta-se onde achar melhor (com exceção da aula de artes onde todos se sentam em volta de duas mesas redondas e da aula de matemática, na qual as cadeiras são enfileiradas e há poucas conversas).

### **3.4 A imersão no campo**

Antes de ir à escola, havíamos planejado realizar oito grupos de discussão, sendo quatro grupos com moças e quatro grupos com rapazes. Cada grupo seria composto por, no máximo, cinco jovens, com idade entre 15 a 20 anos. Essa delimitação de idade se deve ao perfil dos alunos do Ensino Médio do turno diurno.

Mas, o número de grupos de discussão e a quantidade de jovens podem ser alterados de acordo a necessidade e limitações que forem surgindo durante a realização da pesquisa. De acordo com Weller (2006), o/a pesquisador/a deve ter a sensibilidade para perceber o princípio de esgotamento para determinar o número dos grupos de discussão necessários à pesquisa. Geralmente, é possível identificar

esta saturação quando não aparecem informações novas ou as mesmas começam a se repetir.

Com a chegada na escola e a dificuldade em encontrar espaço para realizar o trabalho de campo, os empecilhos na hora de reunir os/as jovens, dentre outros fatores, foram realizados apenas quatro grupos de discussão (dois com moças e dois com rapazes). Também, aplicaram-se questionários que tinham por objetivo contribuir na caracterização dos/as jovens pesquisados/as.

Para a realização dos grupos de discussão foi organizado um roteiro-guia (Apêndice A) que norteou as discussões entre os/as participantes dos grupos. O roteiro-guia era formado por uma pergunta inicial, acompanhado de outras questões que tinham por finalidade estimular os/as jovens a falarem sobre diferentes temáticas: escola, ser jovem, as relações estabelecidas e mantidas com o sexo oposto, movimento feminista, trajetória familiar, lazer e perspectiva de futuro depois do Ensino Médio.

Para a seleção e formação dos grupos de discussão, assim como orienta Bohnsack (1999, *apud* WELLER, 2006), optou-se por estabelecer uma relação de confiança com os/as jovens. Em seguida, abriu-se um espaço para que eles/as manifestassem o interesse em participar das discussões. Para estabelecer esta relação de proximidade com os/as jovens escolhemos um filme que tratava de forma sutil o tema relações de gênero. Após a apresentação do mesmo, falamos sobre o projeto de pesquisa e esperamos que eles manifestassem o interesse em participar dos grupos de discussão. Esta dinâmica para escolha dos/as jovens foi adotada por entender que pode ser mais produtivo o trabalho de campo quando a participação não é imposta, possibilitando um espaço para conversar sobre diferentes assuntos relacionados ao cotidiano dos/as jovens.

Durante a permanência na escola, foi escrito um relatório com informações relativas à rotina, utilização dos espaços da escola pelos/as jovens, os horários de troca de salas, horário de entrada/saída e os intervalos. Em função do calendário escolar e indicativos de greve, o estudo de campo foi subdividido em algumas partes. O primeiro contato com a escola aconteceu no mês de novembro de 2008, mas com a chegada das férias não foi possível realizar os grupos de discussão. Em fevereiro de 2009, apresentamos o filme para as turmas do Ensino Médio do turno vespertino e, no mês de março de 2009, começamos a realizar os grupos de

discussão com jovens moças e com os jovens rapazes. O trabalho de campo se estendeu até o final do mês de junho de 2009.

### **3.4.1 Critérios para seleção dos Grupos de Discussão – Hora do Filme**

Optou-se, neste estudo, por proporcionar um espaço em que os/as jovens se auto-organizassem para os grupos de discussão, sem a necessidade de intervenção de professores/as ou da pesquisadora. Para tanto, ficou decidido que o primeiro contato com os/as alunos seria por meio da apresentação de um filme, em seguida, deixaríamos os/as jovens à vontade para decidirem se tinham interesse em participar da pesquisa e em que grupo.

Antes de falar da formação dos grupos, é interessante descrever a hora do filme. O filme escolhido foi *Billy Elliot*, lançado em 2000. A história gira em torno de um garoto de 11 anos que vive em uma pequena cidade da Inglaterra, onde a maior parte da população local trabalha em minas. Billy mora em uma casa com o pai e o irmão mais velho, ele luta boxe nos horários vagos incentivado pela família. Certo dia, ao presenciar uma aula de balé, ele fica apaixonado pela magia da dança, mas só meninas frequentam essa aula. A professora percebe o interesse do garoto e um talento nato para a dança. Ele resolve ir contra a vontade da família e se entrega à dança. O pai, quando descobre que o filho trocou o boxe pelo balé, uma ocupação nada masculina, fica furioso. Mas, a fúria passa depois que consegue ver o talento do filho e, a partir de então, passa a incentivá-lo a continuar dançando.

Apesar de a história ser interessante, o desenrolar do filme é lento e por ser um drama baseado em história real, tudo transcorre sem efeitos especiais e sem atores conhecidos. Foi uma aposta ousada escolher este filme para apresentar aos jovens, mas era o que melhor atendia aos objetivos da pesquisa. A intenção era introduzir o tema de forma indireta, sem dar respostas e, sim, convidar os/as alunos/as a pensarem sobre os papéis atribuídos socialmente ao masculino e ao feminino na sociedade.

A escola cedeu um horário para apresentar o filme para duas turmas de Ensino Médio do turno vespertino, no entanto, o tempo gasto com a entrada dos/as alunos/as e o encaminhamento dos/as jovens até a sala de vídeo, a dificuldade em

ligar o aparelho de DVD<sup>19</sup> impossibilitaram que o filme fosse visto no horário concedido pela escola. No entanto, para nosso espanto, na hora que tocou o sinal para o intervalo e troca de sala, os/as jovens pediram para que nós conversássemos com a coordenação porque queriam ver o final do filme. Todos assistiam ao mesmo com seriedade, compenetrados na história, às vezes, um arriscava um sorriso, outro falava baixinho esse “*ih, sei não*”. No entanto, esses comportamentos eram criticados pelos outros que estavam assistindo ao filme.

Ao final do filme, infelizmente, não foi possível abrir para um diálogo com as turmas, apenas falamos rapidamente da pesquisa e se tinham interesse em participar, pedimos para que os responsáveis assinassem a autorização. Depois daquele dia, todos nos cumprimentavam nos corredores e passaram a se dirigir a nós como se fôssemos uma professora, apesar de sempre fazermos questão de explicar que estávamos ali só para realizar uma pesquisa e que gostaríamos de obter a colaboração deles/as.

Quando fomos conversar com a **turma A**, para saber quem trouxera a carta assinada, muitos estavam com ela em mãos. Os rapazes, nessa turma, foram os que mais se prontificaram a participar da pesquisa, as moças ficaram mais retraídas, queriam saber o que iria acontecer e se o/a professor/a poderia colocar falta para elas. Depois ficamos sabendo que o receio das jovens, em participar do grupo de discussão, era em função da insegurança por não saberem se nós fazíamos parte da direção. Mas quando ficou esclarecido que não tinha participação da escola na pesquisa, então, as jovens se dispuseram a participar dos grupos de discussão. Essa turma tinha uma característica peculiar, todos os/as jovens tinham acabado de se conhecer e, para a maioria, era o primeiro ano no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz. Havia, ainda, alguns repetentes.

Já na **turma B**, todos se conheciam de anos anteriores, a maioria estava desde o início do Ensino Médio nessa mesma escola. Na turma, existia uma relação de amizade e cumplicidade entre rapazes e moças, conversavam muito o tempo todo. A turma era enorme, gostaram da idéia de participar de uma pesquisa sobre relações de gênero, quase todos queriam fazer parte dos grupos de discussão. Mas,

---

<sup>19</sup> Ninguém sabia onde estava o manual do DVD, o controle não funcionava porque estava sem pilha, não havia cadeiras suficientes para todos/as os/as jovens, o barulho fora da sala de aula, tudo isso prejudicou a apresentação do filme.

em função do tempo e da disponibilidade concedida pelos/as professores/as, infelizmente, não foi possível realizar a entrevista com um número de jovens maior que o planejado para este estudo.

### **3.4.2 Os Grupos de discussão**

Junto à coordenação pedagógica agendamos os dias para voltar à escola e realizar os grupos de discussão. Ficamos satisfeitas por ter marcado os dias e horários, no entanto, na prática não foi tão simples assim. Ao chegar à primeira sala de aula, o professor do horário havia faltado e precisavam de uma pessoa para ficar com a turma para ajudá-los a eleger o representante de turma. O nosso segundo contato com a turma B foi com giz, apagador e um papel da secretaria no qual deveria ser informado o novo representante e vice-representante da turma. Não tivemos muita escolha, fomos até a sala e junto com a turma fizemos a eleição. Mas, em função disso, não foi possível realizar o grupo de discussão nesse dia, foi necessário remarcar um novo dia e horário.

A cada dia que nós chegávamos à escola, nós tínhamos que esperar o coordenador para nos levar até os/as professores/as, nos apresentar e pedir que autorizassem os/as jovens a saírem de sala. Por vezes, alguns/as professores/as sentiam-se incomodados, falavam que seria conteúdo novo ou, pediam para voltar depois. Achavam desnecessário realizar esse tipo de pesquisa com os/as alunos. Cabe ressaltar que também havia professores/as muito receptivos, que davam todo o apoio e incentivo, como é o caso da professora de português que nos ofereceu todo suporte para realizar os grupos de discussão na turma A.

Outro ponto que prejudicou bastante a realização dos grupos de discussão foi a falta de ambiente adequado. Conseguimos permissão para usar a sala de vídeo, próxima à biblioteca e bem afastada das salas de aulas. No entanto, havia uma sala vazia bem próxima e os/as jovens sempre ficavam nessa sala ouvindo música em volume alto e conversando; às vezes, era ensurdecador o barulho, mesmo com a porta fechada. Depois mudamos para outra sala, mas essa era distante e até chegar ao local perdia-se uma parte do tempo concedido pelos/as professores/as e quando estava próximo do intervalo, batia o sino e os/as jovens ficavam inquietos querendo encerrar a discussão.

Mas, apesar dos percalços técnicos, os/as jovens gostaram de participar dos grupos de discussão e quando nós entrávamos em sala de aula, pediam para participar da pesquisa. Quem participava chegava à sala sorrindo e incentivando os outros a participarem. Nós sempre levávamos uns bombons e assim eles ficavam mais à vontade. Entretanto, ainda assim, após toda a relação de amizade construída ao longo do período de campo, quando nos viam nos corredores, falavam “*e aí professora*”, continuamos sendo “a professora”.

Ao longo da pesquisa, foram realizados quatro grupos de discussão, no entanto, em função do tempo para a conclusão do curso de mestrado selecionamos dois grupos de discussão para análise. Ao final de cada grupo foram aplicados questionários com vistas a realizar uma caracterização dos/as jovens.

Ao todo, participaram dos grupos de discussão 21 jovens estudantes do Ensino Médio, do turno vespertino. Entre os/as jovens pesquisados/as, 11 são do sexo feminino, 10 do sexo masculino. A decisão de formar grupos femininos e masculinos surge em virtude do tema de pesquisa, ou seja, como se constituem as relações de gênero entre esse/as jovens. A formação de grupos mistos poderia inibir as respostas durante a realização dos grupos. Os/as jovens tiveram a liberdade de escolher seus pares, orientando-se, geralmente, pelo critério da amizade e afinidade.

A análise das informações obtidas no estudo de campo iniciou-se a partir do momento que entramos na escola pela primeira vez, continuando até quando finalizou o período de permanência nas salas de aula. A escrita diária das observações feitas junto aos alunos/as, a participação nas atividades escolares durante a observação participante colaboraram para tomada de decisões relacionadas aos passos seguintes da pesquisa. Ao final dessa fase, o momento de reflexão, análise e escrita foi feito a partir de todo material adquirido em campo (a escuta das gravações, as transcrições, leitura de textos informativos sobre a história da escola, anotações feitas nos horários de intervalos, etc.).

## **CAPÍTULO 4 – ESCOLA E RELAÇÕES DE GÊNERO**

### **4.1 Visões dos jovens do sexo masculino**

#### **4.1.1 Sobre a realização dos grupos de discussão**

Após ter passado o filme para as turmas de Ensino Médio do turno Vespertino os/as alunos/as voltaram para sala de aula. Fui até a coordenação e marquei uma nova visita à escola, para realizar os grupos de discussão. No dia combinado para realizar o primeiro grupo de discussão cheguei cedo à escola, fui encaminhada para coordenação onde conversei com Rogério, inspetor educacional, para quem apresentei o roteiro utilizado para realização do grupo de discussão e solicitei uma sala em que não fosse interrompida e não tivesse muito barulho externo. Ele aceitou meus pedidos e pediu para que eu esperasse o horário da aula de artes, porque o professor era legal e poderia permitir os/as alunos/as saírem de sala, sem prejudicá-los. Ao toque do sinal do segundo horário, o inspetor me apresentou ao professor de artes que pediu para que eu esperasse terminar o intervalo, em seguida fomos até a sala de aula, os/as alunos/as já estavam em sala e o professor me deixou a vontade para convidá-los a participar dos grupos. Assim que falei que o grupo de discussão era continuidade do trabalho que vinha desenvolvendo após a passagem do filme, alguns demonstraram insegurança com relação ao que seria feito fora de sala e se não iam levar falta na disciplina. Mas, expliquei que seria uma atividade realizada coletivamente e o professor deu garantia de que não iriam ficar com faltas e que não seriam prejudicados por estarem fora de sala. Após essas informações quatro rapazes se dispuseram a participar do primeiro grupo de discussão masculino.

Aos dois dias do mês de março de dois mil e nove, às 15h, na sala de vídeo, reuniram-se para um grupo de discussão, com duração de 1h e 05 min, os jovens Lucas, 16 anos; Renato, 17 anos; Gabriel, 17 anos e Marcos, 20 anos. Eles que se organizaram para participar da pesquisa, são amigos de sala de aula e tem histórias de vida muito parecidas. Pelo fato de alguns jovens terem menos de dezoito anos, solicitamos antes da realização dos grupos que os pais ou responsáveis assinassem uma declaração autorizando seus filhos a participarem da pesquisa.

A sala de vídeo cedida para a realização do grupo de discussão se encontra bem afastada das salas de aula e próxima da biblioteca, é ampla e com muitas cadeiras. No entanto, não tinha uma janela para ventilar o local e por ser a tarde, o calor prejudicou o desenrolar do grupo porque foi necessário abrir a porta algumas vezes para arejar a sala. Mas foi necessário fechar novamente a porta e ficar no calor porque alguns alunos do lado de fora ligaram um som e começaram a cantar bem alto umas músicas sertanejas, ficou impossível realizar o grupo de discussão com a porta aberta.

Assim que nos dirigimos à sala de vídeo os jovens se mostraram muito alegres, conversaram bastante sobre as questões de sala de aula, faziam perguntas sobre como seria a entrevista e depois o que seria feito com os resultados. Antes de iniciar o grupo de discussão os jovens falaram que a turma em que estudavam os/as alunos/as eram calados, *fechados* para novas amizades. O grupo também fez questão de falar o seu compromisso com a religião. A maioria dos jovens entrou no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz, somente no terceiro ano, com exceção de um jovem que estudava desde o primeiro ano na mesma escola. Apesar de todos morarem já há algum tempo em Brasília, três passaram a infância e boa parte da juventude em outros estados do nordeste.

Durante a realização do grupo de discussão, os jovens não ficaram constrangidos com nenhuma pergunta, muito pelo contrário, se sentiram a vontade para falar sobre diversos assuntos sem medo ou restrições. Foi bem tranquila a realização do grupo, ficaram bem a vontade, sorriram, brincaram com as respostas dos amigos, e por isso não percebi que o tempo passou rápido e de repente tocou o sinal do intervalo. Quando tocou o sinal ainda não tinha terminado o grupo de discussão e o Marcos nesta hora pediu para voltar a sala de aula porque precisava pegar os seus materiais, mas não voltou para participar do final do grupo. Além do Marcos não ter voltado, o barulho do intervalo prejudicou o término do grupo de discussão. Por esse motivo as últimas respostas foram interrompidas, o que prejudicou a transcrição e análise dessa parte final.

#### 4.1.2 Os participantes do Grupo

**Lucas, Renato, Gabriel e Marcos**

**Local: Sala de vídeo      Data: 02/03/2009**

Am (Lucas),<sup>20</sup> 16 anos, natural da Bahia – Morro do Chapéu, reside em Samambaia. Namora uma jovem que mora em sua cidade natal e reside com os pais há um mês em Brasília. Sua mãe é natural do Paraná e possui o ensino médio completo; o pai é natural da Bahia e cursou o ensino médio. Lucas tem três irmãos e no momento somente estuda. Pretende formar-se em engenharia civil. Declarou-se sem religião. Seu lazer preferido é tocar violão. Decidiu estudar no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz por acreditar ser a melhor opção, apesar de achar que falta um pouco de disciplina na escola. Disse que falta um espaço para o diálogo no ambiente escolar e não acha que existe preconceito na relação entre homens e mulheres.

Bm (Renato), 17 anos, natural do Maranhão, reside em Águas Claras. Namora a distância com uma jovem que mora em sua cidade natal e mora há um mês com parentes em Brasília. Sua mãe e seu pai são naturais do Maranhão, possuem ensino médio completo e são autônomos. Renato tem dois irmãos e atualmente somente estuda. Pretende cursar engenharia mecânica. Declarou-se evangélico. Considera que o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz atende suas necessidades, concede espaço para o diálogo sobre as diferenças, sobretudo, as de gênero.

Cm (Gabriel), 17 anos, reside em Taguatinga e mora há três meses com parentes em Brasília. Seus pais são naturais do Piauí, possuem ensino médio completo, o pai é servidor público, tem um irmão e a profissão da mãe não foi declarada. No momento somente estuda e pretende ser músico. Gabriel declarou-se católico. Seu lazer preferido é o pagode com os amigos. Decidiu-se pelo Centro de Ensino Médio Alice Ruiz por falta de opção, acha que falta aulas de educação física para os/as alunos/as e o que há de melhor em sua escola são os amigos. Não acredita que exista preconceito entre homens e mulheres dentro da escola.

---

<sup>20</sup> Os participantes não são identificados para preservar as suas identidades. Por esta razão, todos os nomes próprios citados são fictícios.

Dm (Marcos), 20 anos, reside com os pais no Gama há dezoito anos e tem três irmãos. Sua mãe é natural da Paraíba, dona de casa e possui ensino médio completo; o pai é natural do Goiás, pedreiro e possui o ensino fundamental incompleto. Declarou-se sem religião. Seu lazer preferido é jogar futebol. Escolheu o Ensino Médio Alice Ruiz para estudar por acreditar ser mais fácil passar de ano. Considera os professores muito bons e acha que a escola oferece espaço para o diálogo e que existe igualdade entre homens e mulheres.

### PERFIL DOS JOVENS ENTREVISTADOS

	<b>Am: LUCAS</b>	<b>Bm: RENATO</b>	<b>Cm: GABRIEL</b>	<b>Dm: MARCOS</b>
<b>Idade</b>	16	17	17	20
<b>Estado onde nasceu</b>	Bahia	Maranhão	Piauí	Distrito Federal
<b>Onde mora</b>	Samambaia-DF	Águas Claras-DF	Taguatinga-DF	Gama-DF
<b>Namoro</b>	Sim, a distância	Sim, a distância	Não	Não
<b>Filhos</b>	Não	Não	Não	Não
<b>Pai</b>	Bahia, Ensino Médio	Maranhão, Ensino Médio Autônomo	Piauí, Ensino Médio Servidor público	Goiás, Ensino Fundamental Pedreiro
<b>Mãe</b>	Paraná, Ensino Médio	Maranhão, Ensino Médio Autônomo	Piauí, Ensino Médio	Paraíba, Ensino Médio Dona de casa
<b>Irmãos</b>	3	2	1	3
<b>Trajectoria escolar</b>	Ensino Fundamental e Ensino Médio Escola Pública	Ensino Fundamental e Ensino Médio Escola Pública	Ensino Fundamental cursou em Escola Particular e o Ensino Médio Escola Pública	Ensino Fundamental e Ensino Médio Escola Pública
<b>Religião</b>	Declarou sem religião	Evangélico	Católico	Declarou sem religião
<b>O que deseja ser</b>	Engenharia civil	Engenharia mecânica	Músico	Não respondeu
<b>Lazer</b>	Tocar violão	Não informou	Pagode com os amigos	Jogar futebol
<b>Outras informações</b>	Extrovertido, fala muito e faz comentários engraçados em sua respostas	Sério, em suas respostas sempre traz em si alguma relação com a religião	Extrovertido, alegre, fala muito sobre música	Calado, “meio desligado”, fala baixo

Quadro 2 – Caracterização dos jovens participantes do Grupo Masculino

Para conduzir o grupo de discussão foi elaborado um roteiro-guia (Apêndice A) com alguns temas que pudessem servir de estímulo para uma maior interação entre os/as jovens. As questões que compõem este roteiro foram elaboradas a partir da construção da revisão bibliográfica, experiências de pesquisas realizadas anteriormente com jovens (WELLER, 2006; VALVERDE, 2008; SILVA, 2009) e da observação feita na escola, antes da entrada no campo. No entanto, o roteiro guia não é para ser um instrumento de pesquisa engessado, irredutível e nem mesmo deve ser apresentado aos participantes a fim de evitar que os/as jovens interpretem os grupos de discussão como um exercício de perguntas e respostas prontas. A principal finalidade de se realizar os grupos de discussão está em criar um espaço de troca, de interação e exploração de opiniões dos participantes sobre suas experiências.

Em função dos prazos para entrega e defesa da presente dissertação, foram selecionadas para este estudo algumas temáticas a serem analisadas nas falas dos jovens e das jovens do Ensino Médio, são elas:

- Visões dos/as jovens sobre a escola e os/as professores/as, como eles/as vêem a escola e o que esperam dela;
- Visões sobre os papéis masculinos e femininos na escola e na sociedade

#### **4.1.3 Visões dos jovens sobre a escola: “Um meio de aprendizagem você se esforça para conseguir algo melhor na sua vida.”**

Conhecer a realidade da escola que os/as jovens frequentam foi um dos aspectos mais relevantes desta pesquisa. Muito se tem produzido sobre a escola a partir da visão dos gestores, coordenadores e pesquisadores, mas e o/a jovem como vê a escola? Na medida em que foram interrogados sobre como é a escola que frequentam, surgiram outros questionamentos, tais como: os conteúdos ensinados, o que falta e o que poderia ser diferente na escola e se existe atividades extraclasse. Neste bloco de perguntas sobre o ambiente escolar buscou-se compreender como os/as jovens se percebem e se sentem pertencentes a esse espaço. A partir das falas dos jovens encontramos elementos que ajudam a compreender como tem sido suas experiências no Ensino Médio (Linhas 9-28):

Y: A primeira pergunta é assim se vocês poderiam falar um pouco sobre como é a escola de vocês? como vocês vêem a escola? o que vocês acham da escola?

Am: Eu vejo a escola (2) seria um meio de aprendizagem você se esforça para conseguir algo melhor na sua vida mais muita gente leva a escola na brincadeira ou então como algo que tipo, vem só carregar livro (.) e isso? acaba causando que, a educação sempre cai e o desenvolvimento do país cai, então a escola é um atraso e um adiantamento ao mesmo tempo

((muito barulho externo que prejudicou ouvir as falas dos jovens entrevistados))

Bm: No caso da escola que estou estudando agora né, eu vejo que ela tá sendo o meio acho que de facilitar às vezes um pouco a questão da (3) do ensino facilita bastante (.) pela questão do boletim, pela questão da média (3) a média da que eu tinha era sete aí baixou e aí baixou pra cinco, então ela facilita mais ao mesmo tempo ela tem um modo de disciplinar diferente né mais eu acho assim (.) que realmente muita gente não que eu não seja moleque né que eu brinco nas aulas maioria mas vejo a escola como meio de você ter interesse é (2) ter interesse de aprender alguma coisa é uma descoberta porque que você tem que aprender tudo, porque dali você vai saber não gosto disso então vou fazer isso eu gosto de português então vou fazer letras gosto disso então vou fazer aquilo, então é o meio de você se preparar para alguma coisa é uma preparação para o seu futuro vejo escola dessa forma.

Num primeiro momento percebemos que os jovens vêem a escola como lugar para aprender. Para Lucas (Am) esta aprendizagem é condição indispensável para se ter um futuro bem sucedido. Já para Renato (Bm) o aluno precisa ter interesse em aprender, deve se envolver com as atividades desenvolvidas em sala de aula. Pois acredita ser por meio delas que o jovem poderá decidir qual área do mercado de trabalho poderá se inserir e, sobretudo, porque é por meio das experiências com os conteúdos ministrados em sala de aula que ele/a poderá definir qual área deseja escolher na hora de fazer um curso superior.

Renato (Bm) veio do estado do Maranhão em busca de uma vida melhor em Brasília, assim como a maioria dos participantes deste grupo de discussão. Como na década de 1960, ainda hoje muitas pessoas deixam seus estados de origem a procura de trabalho, estabilidade e moradia na capital, por acreditar que aqui há mais oportunidades do que em seus estados de origem. Renato, em seu estado de origem, estudava em colégios particulares e em suas falas sempre faz comparação entre as duas escolas. Ressalta que o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz é mais tranquilo com relação às notas, mas são mais exigentes com relação a disciplina em sala de aula.

Tanto Lucas como Renato concordam que a escola por ser um lugar para aprender, o/a jovem não pode desperdiçar o tempo que passa em sala de aula. Para ambos, a escola prepara para o futuro; para se ter sucesso, é necessário estudar, por isso o/a jovem, deve encarar as aulas e conteúdos ensinados com seriedade, ter interesse pelas disciplinas e como eles mesmos destacam a escola não pode ser um espaço só para passar o tempo. Ao mesmo tempo fazem críticas aos colegas que “levam a escola na brincadeira ou então como algo que tipo, vem só carregar livro”. O grupo dos meninos possui uma visão rígida sobre o papel da escola, e em alguns momentos também fizera críticas sobre a exigência e a cobrança da escola com relação à disciplina em sala de aula.

Também são unânimes em defender a escola como meio de ascensão social e como condição inequívoca para o desenvolvimento do país. Se a escola oferece uma educação de qualidade, se os/as alunos/as encaram com seriedade e compromisso o ensino, então as pessoas terão seu espaço garantido na sociedade e o país crescerá. Mas, se o inverso acontecer, então, a educação se configurará como um atraso para o país.

Quando interrogados sobre o que poderia ser diferente e o que falta na escola que eles estudam, a discussão é monopolizada por Lucas que procura esclarecer a relação que a escola deveria manter com o/a aluno/a e a relação que o/a professor/a deveria manter em sala de aula com a turma. A conversa gira em torno do controle exercido pela escola na figura do/a professor/a e os vários conceitos adotados pelo grupo sobre o que vem a ser disciplina, bem como a necessidade de sua existência na escola para o cumprimento de seus objetivos (Linhas 49–71). Para melhor compreensão sugere-se inicialmente a leitura dos códigos de transcrição (Apêndice B):

Y: Mais o que vocês acham que falta na escola? o que poderia ser diferente nas escolas? na escola em si?

Am: Olha (3) é que vejo muito isso, a escola (.) é certa quando exata em se preocupar com a progressão do aluno no mercado de trabalho em responder a tipo (.) em ensinar a encaminhar ele a isso. mais muitas escolas esquecem da educação em si (.) ensino básico de educar de disciplinar os jovens então vejo de fato a escola mesmo um pouco mais de disciplina e mais ação dos, dos (.) professores

Cm: Mais ação dos jovens a interação

Dm: Já=tem=disciplina=demais=e=você=quer=que coloca=mais

Am: Não isso não é uma ( ) mais ser a disciplina certa, to falando da disciplina da interação da conscientização educação alguns valores também

Bm: Fora da aula fica bagunçando, querem entender por causa de um, é tipo assim o professor hoje vai a secretaria como o quê ( ) ah se eu fizer uma alguma coisa ali ele me puni

Cm: Não tem nenhuma interação, o aluno não tem nenhuma relação com a secretaria é bem dividida a escola, acho que no ano (2) nesse ano assim acho que falta mais (.) assim eu gosto acho que questão de educação física pra mim eu sempre gostei muito

Am: No meu caso acho que falta mais interação na questão disciplinar assim tem que fazer isso tem que fazer aquilo mais interação que você possa fazer (.) como fala você sabe é (.) como se comportar dentro de uma sociedade diante de certas situações o que você faz quando acontece isso com você isso aquilo outro **que é feito pouquíssimo**, não é coisa que a gente vê então tem situações que às vezes a gente muitas vezes não sabe o que falar não sabe o que fazer não sabe como agir então acho que a escola devia ajudar um pouquinho nisso também a respeito do que a gente falou

Neste trecho os jovens trazem novos elementos para análise de suas experiências enquanto alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Em alguns momentos, Lucas monopoliza a discussão, mas, mesmo assim, o grupo se manifesta e se posiciona em relação à pergunta. Depois de afirmarem no trecho anterior que a escola é rígida, agora são taxativos ao declarar que os/as professores/as não se preocupam com as opiniões dos/as alunos/as e mantém em mãos o poder de punir e controlar os/as alunos/as dentro e fora de sala de aula.

Renato relata que até com os/as alunos/as que fazem bagunça fora de sala de aula, os professores fazem uso de seu poder de controle e punição. Para o grupo, não existe no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz uma relação de diálogo entre professor-aluno nem espaço para ouvir o que o/a aluno/a tem a falar. A direção e o corpo docente não buscam saber qual a necessidade do/a jovem enquanto estudante de uma instituição em que ele deveria ser o principal sujeito.

Já Lucas tem um posicionamento parecido com os dos professores, acha que é função da escola disciplinar os/as alunos/as. No entanto, em vários momentos não deixa claro o que compreende como disciplina. A palavra apresenta vários significados em sua fala: parte da educação formal oferecida em sala de aula, o exercício e a manutenção de valores, “manual de boas maneiras” ensinando como conduzir-se em diferentes espaços da sociedade. Neste emaranhado de idéias e conceitos, Lucas defende que é dever da escola manter em seu domínio o poder de disciplinar os/as alunos e busca esclarecer que a escola deve se preocupar com o pleno desenvolvimento dos/as alunos/as, prepará-los/as e encaminhá-los/as para a entrada no mercado de trabalho, entre outras funções.

Marcos tem uma opinião contrária ao posicionamento de Lucas em relação à necessidade de exigir mais disciplina dos/as alunos/as. Durante a entrevista chega a se assustar com a afirmativa do colega, e é enfático em afirmar que a escola já possui muitas regras a serem seguidas pelos discentes. Por ser o único a ter cursado os três anos do Ensino Médio nessa escola faz em outros trechos da entrevista severas críticas, à forma como a equipe pedagógica e a direção punem os/as alunos/as.

Gabriel (Cm) destaca a falta de interação entre os integrantes da comunidade escolar. Em sua fala deixa transparecer que as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, compartilham o mesmo espaço, mas falta participação. Segundo os jovens, no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz não existe participação dos/as alunos/as na articulação e organização de atividades realizadas na escola; as atividades extraclasse e os projetos são criados pela equipe pedagógica e os/as alunos/as “fazem acontecer” na prática. Mas, as expectativas em relação ao que a escola tem a oferecer a eles são grandes: querem sair prontos para o mercado de trabalho. Em vários trechos do grupo de discussão enfatizam a preparação para o vestibular da Universidade de Brasília e outras Instituições de Ensino Superior, esperam obter uma formação integral voltada para a conscientização e uma educação pautada na construção de valores. Enfim, esperam obter da escola subsídios para a realização de seus projetos de vida.

Na avaliação do grupo o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz tem se empenhado em preparar seus estudantes para o vestibular. Os conteúdos ministrados, as atividades desenvolvidas pelos/as professores/as, a dinâmica das aulas é voltada para obterem aprovação em uma instituição de educação superior. Para Lucas essa preocupação da escola tem resultados positivos, porque o/a aluno/a vai aprender e ter condições de obter resultados em uma seleção (Linhas 253 a 272):

Y: E assim o que vocês esperam da escola? vocês acham que ela pode ser decisiva na hora de vocês escolherem uma profissão ou de vocês escolherem uma faculdade?

Cm: Ajuda muito

Am: Por menos que eu conheço o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz é uma escola que fala muito bem dela

Cm: Saiu dezessete né pra UnB

Bm: É

Cm: No ano passado né

Y: Dezessete passaram

(( Marcos fala ao mesmo tempo que o Renato e não é possível entender o que ele diz sobre o tema em discussão))

Bm: Dezesete que passaram não foi Medicina

Y: Sei que passaram muitos não sei quantos não

Dm: Foi medicina ( ) passaram muitos

Y: A escola pode influenciar?

Am: É isso mesmo porque o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz aqui como é uma escola de ensino médio ela se concentra muito só no vestibular, então de uma forma ou de outra você sempre vai aprender vai ta no vestibular ela prepara bem pra isso

Cm: Prepara porque eles já falam assim tal assunto à gente vai dá agora aqui esse assunto é muito focado no vestibular, então a gente já preconiza passa a estudar mais

Bm: Quase tudo é focado que cai na UnB na prova prova do PAS mais

Am: Essas escola tecnicamente preparada pro ano letivo (.) visando o PAS e o vestibular da UnB porque acho que é o maior premio dos professores é passar numa faculdade assim.

Quando são convidados a pensar sobre o que esperam da escola, qual a sua relação com o mercado de trabalho e a influência que a mesma exerce sobre os projetos de vida, são unânimes em afirmar que a escola é decisiva na preparação dos/as alunos/as, sobretudo, para o vestibular e PAS<sup>21</sup>. Para Gabriel a escola é importante na preparação para o vestibular e o lugar onde ele estuda, o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz, é uma ótima escola, reconhecida pela comunidade escolar e pelos/as alunos/as. Sem contar, que os/as professores/as priorizam os conteúdos exigidos nos vestibulares e essa “política” da escola só tem a colaborar com a aprovação dos/as alunos/as, bem como serve para estimular os/as jovens a estudarem.

Lucas e Renato, também, concordam com o posicionamento de Gabriel. Acreditam que a escola é muito boa e prepara os/as alunos/as para o vestibular da Universidade de Brasília e para o PAS. Essa credibilidade que o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz possui se deve à sua história na cidade de Taguatinga, porque por muitos anos a escola foi referência na qualidade de ensino, organização e sucesso de seus alunos/as em diversas profissões. A história da escola se mistura com a história da cidade e isso faz com que todos na comunidade reconheçam seu papel social e respeitem seu trabalho, enquanto instituição de ensino. No entanto, cabe

---

<sup>21</sup> O Programa de Avaliação Seriada – PAS, é um programa que busca facilitar a entrada do/a jovem no ensino superior público, na tentativa de abrir possibilidades para o/a aluno/a do Ensino Médio ao longo dos três anos últimos da educação básica, realizando ao término de cada uma das séries uma avaliação que ao final somará as notas e permitirá ao aluno/a passagem para o ensino superior. O objetivo deste programa é ampliar a interação entre Universidade e Ensino Médio. Ver mais em: [www.cespe.unb.br](http://www.cespe.unb.br)

ressaltar que a escola nos últimos anos não tem sido a principal escolha dos/as jovens moradores de Taguatinga e a maioria de seus/suas alunos/as reside em outras cidades e no entorno do Distrito Federal. Mas, ainda assim, o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz goza de prestígio e reconhecimento pela comunidade e cidades vizinhas.

Na fala de Lucas, observa-se um novo elemento de análise: o/a jovem quando passa no vestibular é “o maior prêmio dos professores”. Quando fez essa afirmação, o restante do grupo mostrou-se de acordo. O Ensino Médio é visto como uma preparação para o vestibular e, em um segundo momento, para o mercado de trabalho. O caráter propedêutico deste nível de ensino é o aspecto mais importante para quem está saindo do último ano da educação básica. Nesse sentido, o vestibular não é apenas uma avaliação para os alunos, mas também para os professores.

O mercado de trabalho é um tema que inspira insegurança e reforça a concepção afirmada anteriormente de que é necessário estudar para alcançar seus projetos de vida. Os jovens não se vêem preparados para o ingresso no mercado de trabalho, alguns alimentam a esperança de passar em um concurso público ou quem sabe conseguir uma indicação de trabalho em alguma empresa ou órgão público. Eles querem trabalhar ao terminar o Ensino Médio, mas não demonstram ter muitas expectativas e/ou oportunidades (Linhas 273 – 300):

Y: Mais e o mercado de trabalho?

Bm: Mercado de trabalho

Dm: É difícil

Am: É complicado

Cm: Acho que esse ano vou ter que me apegar mais pra concurso né a fazer concurso porque acho que tá gerando mais é questão de concurso mais pra quem gosta de estudar pra fazer

Bm: É pra quem gosta de estudar porque hoje em dia só consegue algo melhor mesmo quer mesmo quem vai atrás quem estuda porque que se não fica sempre para traz

Cm: Quem tem emprego publico é o melhor tipo de emprego que tem tem tudo certo ali

Bm: É mesmo você pode(.) chegar a hora que quer

Cm: A hora que quer não

Dm: Pra entrar no quartel tem que ter uma peixada muito boa, mais se você conhecer alguém que já trabalha em um emprego fixo bom e arrumar pra você

Bm: Indicar né

Dm: Indicar a gente é bom de mais não precisa nem de tanto estudo né

Bm: Mais não é muito bom não a vaga tem que ser conquistada de trabalho público

Cm: Acho que a gente trabalha tem um prazer a parti que a gente faz um concurso e passar que é concurso mesmo pouca vagas e consegui passar pelo concurso nossa é muito melhor que arrumar emprego ali trampo não sei aonde, acho bem melhor você chegar ali batalhar pra você consegui coisa melhor

Bm: É porque não é trabalho público a gente não fica sossegado qualquer hora pode mandar embora

Cm: Eu acho que vim no melhor tempo porque vai ter muito concurso esse ano

((o Marcos fez comentários sobre a fala do Gabriel, mas não foi possível compreender porque ele falou muito baixo))

Am: A gente pode concentrar no vestibular e tudo mais e concurso a gente pode entrar pra faculdade e estudando pra concurso também porque do mesmo jeito que vai ter nível de faculdade ( ) vamos ser concursado ali sempre mais é melhor quanto mais melhor.

Este foi o tema que mais instigou os jovens a participarem da entrevista. Todos participaram, houve interação entre os participantes e troca de informação. A princípio se mostraram apreensivos com a pergunta. Lucas e Marcos entendem que entrar no mercado de trabalho é complicado, porque acreditam ser necessário uma preparação maior para alcançar uma vaga de emprego. No entanto, Marcos apresenta como saída, conseguir uma *peixada*, ou seja, conseguir uma indicação de uma pessoa que já esteja inserida em uma empresa ou órgão público.<sup>22</sup> Dessa forma, não é necessário estudar muito para conseguir uma colocação.

Para Renato, esta não é a melhor opção para se conseguir um emprego. A vaga de emprego, independente de ser em uma empresa privada ou órgão público, deve ser conquistada. Gabriel também compartilha da mesma opinião, porque nada se compara ao prazer de passar na seleção para um emprego ou em um concurso público com seu próprio esforço e dedicação.

Renato defende que só é possível ter uma colocação no mercado de trabalho por meio do estudo. Isso remete a pensar sobre a disputa acirrada para se ter um espaço reconhecido no mercado de trabalho, que cada vez mais se encontra seletivo e com poucas vagas. Para aqueles que saem do Ensino Médio sem nenhuma formação específica, sem experiência e sem saber que profissão seguir, essa realidade vinculada à obtenção do primeiro emprego é motivo de preocupação.

No que se refere ao serviço público todos do grupo tem a mesma opinião: é a melhor opção de emprego. É recorrente nas falas dos jovens a afirmativa de que

---

<sup>22</sup> Em alguns órgãos públicos existem empresas que prestam serviços terceirizados. Nestas situações, os empregados destas empresas usufruem de vários benefícios concedidos a um servidor público, mas não tem em si a garantia de estabilidade.

devem estudar para passar em concurso e trabalhar em um órgão público. Somente assim poderão ter estabilidade, segurança, retorno financeiro, qualidade de vida e liberdade. Mas, liberdade é entendida de forma diferente entre os participantes. Para Renato é a chance de ter um trabalho em que ele pode chegar a hora que desejar ou fazer seu próprio horário. Já para Gabriel, não. Ele discorda, considera que é necessário ter ordem, cumprir horários e todas as regras da instituição.

Os jovens que participaram do grupo de discussão fizeram algumas comparações entre serviço público e empresa privada. A maior preocupação com relação à empresa privada reside na instabilidade e o emprego público é considerado por eles como a melhor opção de emprego. Lucas justifica esta opinião falando que no Ensino Médio o jovem se prepara para o vestibular e na faculdade pode estudar para concurso. O estudo é visto pelo grupo como condição indispensável para o ingresso no serviço público.

A capital do país é o centro do poder político e administrativo do país, onde a maioria das provas para cargos públicos são aplicadas. Brasília tem algo peculiar que a difere de outros estados, ela é mantida pelo serviço público e junto com essa característica traz em si a necessidade de realizar constantes seleções. Em outro trecho da entrevista, Gabriel chega a afirmar que em sua cidade natal são realizadas poucas seleções para cargos públicos, o que torna difícil alcançar aprovação, diferente de Brasília que existem mais chances e oportunidades de ser aprovado e chamado para trabalhar em uma instituição pública.

Essa fama acaba atraindo pessoas de outros lugares na esperança de também conseguir seu espaço. Prova disso, é a fala de Gabriel “eu acho que vim no melhor tempo porque vai ter muito concurso esse ano”. Mesmo não havendo estatísticas sobre o número de pessoas que se mudam para Brasília em busca de concursos públicos, de um salário acima da média nacional e de estabilidade no emprego, é fato de que a cada ano que passa o número de pessoas que se dedicam a estudar para concursos tem aumentado. Os jovens que estão terminando o Ensino Médio vêm acompanhado essa mesma sequência, querem terminar o último ano da educação básica e estudar para concurso, uma vez que não vislumbram outra possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

#### 4.1.4 Visões sobre os papéis masculinos e femininos na escola e na sociedade: “*Existe aquela diferença física assim eu não vou menstruar todo mês...*”

Dentre vários temas que estão relacionados a juventude, este estudo buscou analisar as representações de gênero. Na realização dos grupos de discussão os rapazes apresentaram suas visões sobre a relação que mantêm com as moças. Renato relata que a escola não percebe essa separação entre homens e mulheres, Gabriel complementa falando que *a escola não vê*, ou seja, as discussões em torno das relações de gênero no espaço escolar passam despercebidas (Linhas 552 - 570):

Y: E existem assim, papéis que é só de homem ou só de mulheres, existe uma preparação até fora da escola e dentro da escola, será que a escola se preocupa em discutir essa separação de homens e mulheres ou a escola não vê?

Bm: Não vê

Cm: A escola não vê não dá atenção pra isso a isso

Y: Porque fora da escola a gente sabe, não, existem profissão que é só para homens profissões que é só pra mulheres

Bm: Ah é

Y: Tem coisas que é só pra mulheres tem coisas que só homem faz

Bm: A escola não vive esse lado

Am: A escola não vive esse lado deixa a Deus dar e se informa depois lá fora

Y: Ela deixa a vontade ou faz alguma coisa?

Am: Deixa a vontade não separa

Bm: Deixa a vontade

Am: Deixa a vontade deixa que se vire mais tarde é assim não existe separação de uma mulher

Cm: Tem professor que gosta de debater esse tipo de coisa mas a escola a escola em si promover um evento que faça não

Bm: Não não separa

A opinião do grupo é unânime em relação à temática de gênero: os/as professores/as e a direção não dedicam tempo e atenção às relações estabelecidas entre rapazes e moças dentro da escola. É como se todos fossem *assexuados*. Gabriel, diz que existe um pequeno número de professores/as que debatem o tema com suas turmas, mas a escola em si não organiza nenhuma atividade extra-classe que incentive os/as alunos/as a pensarem e a refletirem sobre as relações estabelecidas no espaço escolar. Quando questionados sobre possíveis diferenças entre ser um jovem do sexo masculino ou feminino, surgiram vários elementos que

nos fazem pensar sobre a identidade do/a jovem que está terminando o Ensino Médio (Linhas 571 - 589):

Y: Mais na opinião de vocês assim existe separação existe diferença entre em ser um jovem do sexo masculino e uma jovem do sexo feminino?

Am: @ existe aquela diferenças físicas, né (.) tipo assim (2) assim eu não vou menstruar todo mês@

((risos entre os integrantes do grupo))

Am: @( ) é: eu não sangro quando perco a virgindade, a única diferença é que quando sou tocado tem um enorme volume a mais@

(( Lucas enquanto fala gesticula com as mãos direcionando para sua genitália))

Cm: Mais digo assim na questão social no trabalho

Y: Aham.

Bm: Acho que não

Y: Mas por parte da escola existe diferença?

Am: Acho que não é a mesma coisa

Y: Não, homem e homem, mulher é mulher.

Am: Muitas vezes como eu Luiz a Maique a Maique anda no grupo aquela coisinha tudo mundo misturado mais muitas vezes você vê trinta marmanjos e trinta garotas tudo separados

Cm: Três meninos quatro meninas

Am: Três meninos quatro meninas tudo separado tudo num canto

Bm: E grupinho

Am: A gente sai pro intervalo(( ))

Cm: No primeiro dia de aula a gente viu os meninos mais juntos né as meninas tava mais recuadas depois misturou todo mundo

De acordo com Lucas, o que distingue um jovem do sexo masculino de uma jovem do sexo feminino são as características físicas. Mas, esta afirmação é acompanhada de risos e de comentários relacionados aos órgãos reprodutivos. A fala do Lucas está fixa na questão do corpo. Para ele ser uma jovem mulher é trazer em si o desconforto da menstruação, como se a jovem trouxesse no corpo a marca da dor, do sofrimento e do constrangimento em ser mulher. Dando sequencia a comparação que faz para diferenciar um homem de uma mulher, Lucas traz um novo elemento para a análise, diz que quando tocado o seu corpo reage de forma inesperada, mas isso é dito em tom de satisfação, entre risos, com gestos e uma voz alegre, diferente de quando falava das meninas. É como se os jovens trouxessem no corpo a liberdade para sentir prazer, sem haver necessidade de controlar seus instintos. Podem expressar o que sentem, sem receio de constrangimento ou rejeição pelos colegas. Renato discorda, acha que não existe diferença entre os sexos.

O grupo afirma reconhecer diferenças entre rapazes e moças no espaço escolar, mas quando existe amizade e maior a interação, essas diferenças são

postas de lado. É um processo considerado natural, nada planejado em função do sentimento de amizade que permeia o grupo, ultrapassando as questões de gênero, neste caso. Já quando interrogados sobre o movimento feminista e a luta das mulheres pelos seus direitos, a imparcialidade em relação a questão de gênero no ambiente escolar foi deixada de lado e os jovens se posicionaram de maneira contraditória (Linhas 699 - 725):

Y: Assim mudando um pouquinho; vocês já ouviram falar do feminismo, do movimento feminista?

Am: É já

Y: Sabe alguma coisa sobre?

Bm: Não

Am: Já ouvi falar

Cm: Tem muita luta de mulher ter o mesmo direito que homem é certo porque tem mulheres por exemplo eu trabalho com trator a mulher faz o mesmo serviço mais a mulher ganha menos, não é certo porque ela faz a mesma coisa estudou pra fazer a mesma coisa, as mulheres são mais inteligentes que os homens são mais interessadas que os homens então elas estão ganhando mesmo eu acho errado

Bm: Também acho errado

Am: Eu tenho uma forma de pensar diferente eu sempre vi o que ela tá sentindo vamos supor eu tenho ( ) totalmente diferente penso assim que ela tá com tudo então é o seguinte digo isso que a mulher é muito importante a mulher é o centro (.) vamos dizer é uma essência ela vai carregar meu filho (2) ela vai dar meu filho, então ela tem essa luta

Cm: Acho mais assim porque a mulher ela tem os seus direitos entendeu acho que a gente tem que tratar (.) eu trato sempre as minhas amigas normal então sendo uma amiga eu não chego batendo nas costas de uma amiga minha

Dm: ( ) tem que dar valor, meu pai e minha mãe, as outras (.) pra mim é o que vale pra mim tudo bem

Cm: Pois é mais sempre minhas amigas não foi sempre escolhidas a dedo mais sempre foi pessoas normais, pô eu vejo assim que depende da lógica depende da mulher realmente tem mulher que é sempre estressada tem mulher que é só estressada quando tá na TPM tá naquela coisa, então tem muita gente que tem que se dobrar passou da brincadeira com essa pessoa porque tem dias que as minhas amigas lá do Piauí a gente ia fazer brincadeiras com elas quando elas estavam naqueles só faltava me bater cala a boca puxava meu cabelo puxava minha orelha puxava minha blusa.

O grupo já ouviu falar vagamente sobre o movimento feminista e suas frentes de luta. Se posicionam favoráveis à luta das mulheres por seus direitos e espaço no mercado de trabalho. Mas, existe um paradoxo por trás dessa primeira afirmação. Lucas, por exemplo, acha que o homem deve respeitar a vontade da mulher querer trabalhar fora de casa, deve tratá-la com dignidade. No entanto, o homem deve fazer isso, porque é a mulher que traz em si a capacidade para reproduzir, de procriar, de cuidar da família. Por isso, a luta das mulheres é justa.

Gabriel reconhece que as mulheres devem lutar pelos seus direitos. Destaca que elas recebem menos que os homens, mesmo quando desenvolvem atividades idênticas, possuem a mesma competência e formação e ocupam um cargo idêntico. Considera injusto, porque muitas mulheres são mais inteligentes e interessadas em trabalhar, e ainda assim existe desigualdade salarial e discriminação da mulher. Considera que a luta por direitos é justa e que os homens devem oferecer atenção especial às mulheres, não devem ser grosseiros e devem ter discernimento na hora de entender suas necessidades. Marcos complementa afirmando que a mulher deve ser valorizada e reconhecida, principalmente na família.

Gabriel explica que suas amizades com as meninas aconteceram a partir de sua interação com os/as colegas em sala de aula, na igreja e as considera *normais*. No entanto, essa normalidade não se aplica às mulheres de uma forma geral, já que em sua fala Gabriel também destaca que a TPM deixa as mulheres “estressadas” e um tanto agressivas: “só faltava me bater”.

Em relação ao Movimento Feminista a opinião do grupo oscila entre apoiar a luta das mulheres e uma visão preconceituosa sobre o sexo feminino. Já no que se diz respeito aos trabalhos da Secretaria Especial de Mulheres, o grupo não manifestou nenhuma opinião. Lucas, diz não acreditar na possibilidade de existir uma igualdade plena entre homens e mulheres (Linhas 726 - 733):

Am: Movimento feminista vamos dizer que apoio sim mais primeiro vê que homem tem toda essa coisa o mesmo ter no trabalho a mesma competência (.) mais a igualdade nunca vai ser ocorrida primeiramente pela coisa do aspecto físico e psicológica de cada um mais uma coisa que não aceito é delas querer o homem é diferente acabar (caçando a gente), não só buscar a igualdade buscar além da igualdade deixa a gente de cabeça baixa isso é uma coisa que também não ta certo

Dm: Prejudica o cara tipo rola emprego aí a menina passa lá começa a ficar interessado (3) se o serviço é homem que comanda já começa a trabalhar puxar saco do patrão

Bm: @ se for um mulherão aí é o que vale\_@

Am: @ não se você pô vê uma mulher bem farta@

((falas entre risos que não foram possíveis descrever os integrantes do grupo))

Segundo os integrantes do grupo, as mulheres buscam desenvolver as mesmas competências no mercado de trabalho. Porém, ressaltam que a igualdade nunca será conquistada pelas mulheres, já que existem diferenças físicas e psicológicas que nunca serão superadas. A mulher pode trabalhar, mas não pode

tirar o espaço reservado aos homens e não pode passar a exercer o papel definido como “para além da igualdade que colocaria os homens de “cabeça baixa”.

Marcos, vê a mulher como uma ameaça, diz que ela “*puxa saco do patrão*” ou “prejudica” porque tirou uma vaga destinada a um homem. A mulher pode trabalhar, mas tem que ter um limite para as suas conquistas: o lugar do homem no mercado de trabalho tem que ser preservado. Em sua fala, Marcos e Renato, também, atribuem às mulheres a capacidade de fazer uso do corpo, de seus atributos físicos para conquistar e permanecer no trabalho. Todos riem, acham engraçado, tecem comentários e brincadeiras. A mulher, além de por em risco o sucesso profissional dos homens, representam um perigo aos homens dentro de casa (Linhas 757 - 769):

Y: Você acha que também os homens sofrem violência?

Bm: Não

Am: Tem muitos homens que são bestas

Cm: Lá no Piauí eu já vi foi panela voando as mulheres dando de panela na cabeça do cara

Bm: Cabo de vassoura também já ouvi muitas histórias

Cm: Tenho um tio que ele dorme com a mulher (se ela fala alguma coisa se tranca no quarto) porque sabe que vai a taca vai comer a noite @

Y: Nossa.

Cm: Lá é assim

Dm: @ que nada cara tem os caras que faz (.) pega uma gigolosa ( ) @

Am: O homem só dá valor na mulher quando ela é brava mesmo, se fosse uma mulherzinha besta que ele sai coloca chifre na mulher

Bm: @ natural boto chifre ela bota chifre ta tudo ok se tiver uma reação boa ( ) @

Lucas, afirma que “tem muitos homens que são bestas” porque aceitam a agressão de uma mulher. Renato, tenta amenizar dando exemplo de histórias que já ouviu falar e chega à conclusão de que se ambos cometem adultério está tudo resolvido. Marcos procura dar uma explicação mais coerente ao fato, porque os homens que apanham das mulheres são aqueles que *pega uma gigolosa*, na linguagem dos jovens, a *gigolosa* seria aquela mulher que sustenta o homem e por esse motivo elas passam a ter direito de agir com agressividade. É como se ficasse nas entrelinhas, aquela visão machista do homem em relação à organização da família: o chefe da família é quem determina as ordens e tem o poder de decisão em mãos, que dá as coordenadas dentro da casa, que pode agredir com palavras e exigir da mulher qual deve ser seu comportamento. Quando os papéis se invertem e

a mulher passa a querer ter direito a parte do seu poder de decisão, o homem passa a sentir-se no lugar de vítima, de agredido.

Lucas por outro lado, acha que a mulher deve ser *brava* para obter o respeito do marido, caso contrário o marido fica com o direito de trair a mulher. É como se a mulher tivesse que lutar para ter garantida a fidelidade do marido, não pode ser *besta* porque se não ele sai e pode trair. A mulher fica com a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, além de se posicionar de forma a não abrir espaço para o homem sair de casa e trair.

O grupo de rapazes sempre faz referência à cidade natal, isso se deve ao fato de que o grupo de discussão foi realizado no começo do ano e até esse período a turma ainda estava se conhecendo, não havia um sentimento de integração dos jovens com o restante da turma, porque a maioria estava estudando pela primeira vez no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz.

## **4.2 Visões das jovens do grupo feminino**

### **4.2.1 Sobre o grupo de discussão com as jovens do 3º ano**

No dia cinco de março de dois mil e nove, na sala de vídeo do Centro de Ensino Médio Alice Ruiz, com duração de 1h13, realizou-se um grupo de discussão onde participaram cinco jovens estudantes do sexo feminino do terceiro ano do Ensino Médio. O contato foi feito durante a aula do professor de sociologia com o apoio do supervisor pedagógico.

Af (Amanda), 17 anos, é natural de Brasília, reside em Taguatinga, mora com a família e tem dois irmãos. Seus pais são naturais de Brasília e possuem ensino médio completo, seu pai é comerciante. Amanda somente estuda e no futuro pretende ser dentista. Declarou-se católica. Seu lazer preferido é passear em parques. Considera que o Centro de Ensino Médio Alice Ruiz oferece uma formação que atende as suas necessidades, mas precisa dar mais atenção aos seus alunos. Não acha que exista preconceito na relação entre homens e mulheres.

Bf (Mara), 17 anos, natural do Piauí, reside com os pais há cinco anos em Samambaia e tem um irmão. Seus pais são do Piauí e possuem ensino fundamental incompleto; sua mãe é comerciante e o pai operador de off-set. No horário contrário ao da escola faz curso profissionalizante em Loja de Departamento, no Serviço

Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC. No momento trabalha como vendedora, mas pretende no futuro ser enfermeira. Declarou-se evangélica. Seu lazer preferido é usar o computador. Considera que o destino a levou a estudar no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz, acha que falta diversificação nas atividades desenvolvidas na escola, mas acha que o ensino oferecido pelos/as professores/as é bom. Com relação ao debate sobre as diferenças de gênero diz que a escola não abre espaço para o debate sobre esses temas.

Cf (Iara), 16 anos, natural de Brasília, reside em Ceilândia, mora com os pais e tem três irmãos. Sua mãe é natural de Brasília, possui ensino superior completo e exerce a profissão de professora; o pai é natural de Minas Gerais, possui ensino superior incompleto e exerce a profissão de caminhoneiro. No horário contrário ao da escola faz curso profissionalizante em Informática, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. No momento somente estuda e pretende ser médica. Declarou-se católica. Seu lazer preferido é ficar em casa. Estuda no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz porque seus pais decidiram colocá-las nesta escola. Acha que a escola não atende as suas necessidades e faltam atividades culturais, como um Festival de Música. O que tem de melhor em sua escola são as amizades; o pior é a falta de diálogo entre a escola e os/as alunos/as. Acha que não existe preconceito entre homens e mulheres dentro da escola.

Df (Bruna), 17 anos, é natural da Bahia, reside em Ceilândia, mora com os pais e tem dois irmãos. Sua mãe é natural da Bahia e seu pai é de Goiás, ambos possuem ensino fundamental incompleto. No momento, além de estudar encontra-se trabalhando em uma locadora de filmes; pretende ingressar na polícia civil. Declarou-se evangélica e seu lazer preferido é passear no shopping. Estuda no Centro de Ensino Médio Alice Ruiz por acreditar ser a melhor escola da região, mas acha que a escola poderia ter mais festas para os/as alunos/as fazerem mais amizades. O que tem de melhor em sua escola são os amigos e o pior é a falta de espaço para se divertir. Acha que a escola é preconceituosa e não abre espaço para debater questões de gênero.

Ef (Natalia), 16 anos, natural de Brasília, reside no Núcleo Bandeirante com a mãe e um irmão. Sua mãe e seu pai são naturais de Brasília, sua mãe possui ensino médio completo e seu pai ensino fundamental completo. Deseja ingressar na polícia federal. Declarou-se católica. Seu lazer preferido é cuidar de seus gatos de

estimação. Estuda no Centro de Ensino Médio Alice por gostar da escola e dos amigos. Acha que falta espaço para o diálogo entre os/as professores e os/as alunas; a escola é muito rígida.

### PERFIL DAS JOVENS ENTREVISTADAS

	<b>Af: AMANDA</b>	<b>Bf: MARA</b>	<b>Cf: IARA</b>	<b>Df: BRUNA</b>	<b>Ef: NATALIA</b>
<b>Idade</b>	17	17	16	16	17
<b>Estado onde nasceu</b>	Distrito Federal	Piauí	Distrito Federal	Bahia	Distrito Federal
<b>Onde mora</b>	Taguatinga-DF	Samambaia-DF	Ceilândia-DF	Samambaia-DF	Núcleo Bandeirante-DF
<b>Namora</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Filhos</b>	Não	Não	Não	Sim, 1	Sim, 1
<b>Pai</b>	DF, Ensino Médio Comerciante	Piauí, Ensino Médio Comerciante	Minas Gerais, Ensino Superior Completo Caminhoneiro	Goiás, Fundamental Completo Construção Civil	DF, Fundamental Completo Desempregado
<b>Mãe</b>	DF, Ensino Fundamental	Piauí, Ensino Fundamental incompleto Operador de <i>off-set</i>	DF, Ensino Superior Completo Professora	Bahia, Fundamental Incompleto Dona de casa	DF, Ensino Médio Completo Bancária
<b>Irmãos</b>	2	1	3	2	1
<b>Trajatória escolar</b>	Ensino Fundamental e Ensino Médio em escola Pública	Ensino Fundamental e Ensino Médio em escola Pública	Ensino Fundamental e Ensino Médio em escola Pública	Ensino Fundamental e Ensino Médio em escola Pública	Ensino Fundamental até o 1º do Ensino Médio rede particular de ensino Ensino Médio escola pública
<b>Religião</b>	Católica	Evangélica	Católica	Católica	Católica
<b>O que deseja ser</b>	Dentista	Enfermeira	Médica	Polícia Civil	Polícia Federal
<b>Lazer</b>	Jogar futebol	Computador	Ficar no quarto de sua casa	Passear no shopping	Passear em parques
<b>Outras informações</b>	-	Realiza curso profissionalizante de Departamento de Pessoa no SENAC	Realiza curso profissionalizante de Informática no SENAC	-	-

Quadro 3 – Caracterização das jovens participantes do Grupo Feminino

#### 4.2.2 Visões das jovens sobre a escola e os/as professoras/as: “A gente é burro, pra eles a gente é burro...”

A escola é o lugar onde o/a jovem passa a maior parte de seu tempo, mas nem sempre estas horas são de prazer, satisfação. O ambiente escolar e a proposta pedagógica não contemplam as necessidades dos/as alunos/as (Linhas 8-34):

Y: Assim a primeira pergunta gostaria que vocês falassem um pouco como é a escola de vocês? como vocês vêm a escola?

Cf : De verdade.

Y: Sim de verdade não uma resposta formal não essa eu já conheço mas como vocês vêm a escola que vocês estudam?

Cf: Acho assim a escola é (2) na escola em si é razoável, os professores assim alguns são melhores e alguns nem tanto na forma de explicar, na forma de conteúdo não explicam bem

Ef: (falo assim com o professor) a gente ta se adaptando ( )

Bf: Porque ontem até me chamaram de demônio

Cf: O problema que o pessoal da direção age com abuso de autoridade eles pensam que podem fazer tudo que quiser com a gente entendeu, a gente não tem direito de reclamar a gente não tem direito de pedir e nem de exigir só eles

Bf: E eles já vão com ignorância sabe

Af: Não fazem nada pra ajudar também

Cf: Não tem educação nenhuma

Df: É:::é se acontecer alguma coisa, tipo assim dentro da sala de aula o professor falou o que aconteceu para eles o que prevalece é o que o professor falou

Bf: É (.) e a gente é que é penalizada **isso que dá raiva**

Af: Por exemplo por ser uma escola publica o pessoal acho que deixa levar né deixa ir não coloca regras, tenho certeza se tivesse um diretor (para) colocar as regras seria totalmente diferente

Cf: Primeiro que o diretor quase não aparece tem gente que entra na escola e vive voando e ninguém vê

Df: A vice diretora ta sempre por aí

Af: É (.) maioria das pessoas nem sabe quem é o diretor

Num primeiro momento percebemos que neste tópico são apresentadas as opiniões das jovens sobre a escola. Elas mostram-se preocupadas se podem falar a verdade, ou seja, buscam certificar-se primeiro se a pesquisadora faz parte da equipe pedagógica ou da direção. Ao saberem que a pesquisa não está ligada à escola, sentem-se mais a vontade para participar do grupo de discussão.

As jovens consideram a escola “razoável” no que se refere ao quadro de professores/as, distinguindo entre bons e maus profissionais. Alguns não respeitam os/as alunos e a direção por sua vez age com autoridade, por vezes, de maneira

abusiva. Quando surgem conflitos a equipe administrativa ouve os dois lados e o que prevalece é a palavra do professor/a.

Na opinião do grupo, a equipe pedagógica age com rigidez e de forma injusta, privilegiando os/as professores e punindo os/as aluno/as. Subestimam a capacidade dos/as jovens, por pensar que eles/as não são capazes de perceber que estão sendo tratados de forma arbitrária. O grupo alega que este problema existe porque o diretor não exerce seu papel, ele é apenas uma figura emblemática na escola. A vice-diretora faz-se presente, tenta conciliar os/as alunos/as e oferecer suporte aos professores/as e alunos/as na realização das atividades em sala de aula, mas não é suficiente para que haja uma harmonia no ambiente escolar. Mas, o grupo feminino esclarece que nem todos os/as professores são iguais (Linhas 69-100):

Bf: Tem uns professores que realmente vem para escola pra ensinar pra realmente dar aula

Cf: A professora de inglês e a professora artes

Df: A professora de física tipo a gente vê assim a gente sabe que ela entende da coisa mais não adianta nada ( ) tava entendendo o assunto teve uma hora que ela pegou e falou menina não ta entendendo não posso fazer nada sabe

Af: É tem uns professores são bons estão dispostos a ajudar mesmo a explicar a tirar duvidas mas tem outros que são ignorantes ou então você não entende algum assunto e ele te ignora ou não ta nem aí

Ef: É que nem eu acho, às vezes eu acho muita como é que fala (2) muita besteira esse negocio de ficar querendo correr atrás de aumento de salário, sabe por quê porque tem professores (1) professor pensar assim é só receber receber e os alunos se dane entendeu, acho que eles pensam assim (3) eu estudei muito em colégio particular meu primeiro ano de colégio publico foi o ano passado colégio particular é muito diferente os professores corre atrás dos alunos eles correm atrás dos alunos entendeu, tipo assim quando a pessoa ta precisando de nota o professor não ta nem aí aqui o colégio publico o professor não ta nem aí se você quiser passar você passa se não quiser você fica=ao=deus=dará mais colégio particular é diferente o professor corre atrás tem que tentar ajudar, aqui pensam (.) ah dando aula ou não dando eu recebo o meu no final do mês **ta tudo bem**

Bf: Foi que nem o ano passado o professor falou que o de geografia o menino fazendo bagunça no ensino médio o salário vai ta lá do mesmo jeito

Af: O professor aquele de matemática o Raimundão uma vez ele falou bem assim vocês não querem aprender não vão copiar então ta não to nem aí pra vocês no final do mês o meu cinco milzinho ta lá mesmo,

Bf: O problema é de vocês então

Cf: Nossa isso é falta de respeito, se a gente pelo menos falasse tipo de coisa e eles não gostassem eles apelavam grandão com a gente na sala de aula

Df: Eles acham que a gente é ignorante e não sabe do nosso direito

Ef: Acha que nós não sabe da nossa vida ainda

Bf: É

Bf: A gente é burro pra eles a gente é burro

As percepções das alunas em relação aos professores/as se divide entre os/as que são competentes, que tem compromisso em ensinar, em desenvolver um bom trabalho e, aqueles/as que estão em sala de aula apenas em função do salário no final do mês. Bruna cita a professora de Física, que domina o conhecimento mas não tem paciência e nem respeito com o/a aluno/a. Amanda complementa relatando que existem na escola dois tipos de professores: os bons, que ensinam e se preocupam com o desenvolvimento do/a aluno/a, que tem compromisso com sua aprendizagem e crescimento intelectual/cognitivo; e aqueles/as que não sabem ensinar, limitando-se a ministrar conteúdos que o/a aluno/a deve acompanhar e se alguém tiver alguma dúvida deve esclarecê-la em outro momento. Este tipo de professor/a exige que o/a aluno/a tenha uma certa autonomia para solucionar suas dúvidas e acompanhar o ritmo da turma. Sua função se resume a transmitir conteúdos, não aceita ser interrompido e se isso acontece, ignora o/a jovem, porque a sua aula precisa ser dada conforme planejou. Neste caso, a relação estabelecida entre professores/as e alunos/as é unilateral.

Natália acrescenta que não acha justo os/as professores/as fazerem greve<sup>23</sup> para obter aumento de salário. A jovem acredita que os/as professores/as só pensam em aumentar sua renda. Não existe compromisso com a educação, porque o ensino continua precário e os/as professores continuam com as mesmas atitudes grosseiras em sala de aula.

Natália faz comparação entre os/as professores/as da rede particular de ensino com os da rede pública. Na rede particular os/as professores/as se preocupam com os/as alunos/as, querem saber se eles/as estão aprendendo, procuram ajudar e acompanhar o aprendizado dos conteúdos ministrados em sala de aula. Na escola pública os/as professores/as não tem esse compromisso com a aprendizagem ou com as limitações do/a jovem nas disciplinas. Quando se analisa a questão salarial, fica evidente que o/a professor/a da rede particular se empenha em fazer um bom trabalho, porque não possui a mesma estabilidade e está sujeito à punições, caso não cumpra com os objetivos exigidos pela escola. Já na rede pública de ensino não existe uma cobrança e nem um acompanhamento por parte

---

<sup>23</sup> Nos meses de março e abril de 2009 os/as professores/as da rede pública de ensino em Brasília estiveram em greve, reivindicando um aumento de 18% no salário.

da coordenação pedagógica e da direção com relação ao trabalho desenvolvido pelos/as professores em sala de aula.

Esse descaso dos/as professores/as é comentado em várias partes do grupo de discussão. Mara menciona a questão da indisciplina em sala de aula e o posicionamento do professor de geografia, que é indiferente em relação aos alunos/as que fazem bagunça durante as aulas, porque o seu salário estará na sua conta no final do mês. Ou seja, o/a professor/a neste caso, apenas, cumpre suas horas em sala de aula e não está preocupado com o desenvolvimento do/a aluno/a. Amanda relata situação idêntica com o professor de matemática e compartilha da mesma opinião da Natália.

Para Bruna, os/as professores acham que o aprender depende somente do/a aluno/a. Lara considera essa atitude uma falta de respeito com os/as alunos/as porque se a situação fosse inversa, os/as professores/as não aceitariam a reação da turma. Mas, neste caso, os/as alunos/as são obrigados a aceitar as imposições dos professores/as, equipe pedagógica e direção.

#### **4.2.3 Visões sobre os papéis masculinos e femininos na escola e na sociedade: “... a mulher tem que se por no seu lugar... então discriminação vem de casa, também, desde pequeno já...”**

É na escola, a partir da relação de amizade construída com os/as colegas, que as jovens constroem suas identidades de gênero. Mas, a família, também participa desse processo. Esta identidade está intimamente relacionada à maneira pessoal de cada um se ver como masculino ou feminino, é uma construção social (Linha 143 – 169):

Df: Acho que eles deveriam concentrar mais aqui dentro da escola porque vejo muita gente bebendo fumando fumando cigarro maconha esses negócios assim

Af: Usando droga também

Df: É

Ef: Tem menina tudo que vem com blusinha aqui aquelas marquinha na cintura short tudo apertado e quer que imponha respeito

Df: Elas os meninos mexe mesmo e se elas derem bola os meninos chama de puta piranha mesmo aí elas ficam reclamando e elas não em direito nenhum de reclamar não

Y: Por que?

Bf: São pessoas vulgares assim pra mim pessoa vulgar não tem direito algum  
 Cf: De reclamar  
 Ef: É que nem dizem se você quer respeito você tem que se dá o respeito  
 Y: Se ela colocar uma roupa que ela gosta ela não dá o respeito  
 Ef: Olha o ambiente que ela ta  
 Df: Na escola na escola é (.) uniforme é calça jeans, sendo que você vem pra escola com uma roupinha curtinha toda insinuante você não vai querer que os meninos mexam com você  
 Ef: Ainda acha ruim como é que vão mexer com você se ta trajada como todo homem gosta né com uma blusinha curtinha aquela menina que vem bem bronzeada com aquelas marquinha short apertado com a calcinha nossa não sei nem onde é que vai  
 Bf: Acho assim a questão da pessoa tipo gostar(( ))  
 Af: Tem que saber se vesti no lugar que fica porque assim  
 Df: Elas vão trabalhar lá no ministério publico do jeito (( ))  
 Ef: Ela vai trabalhar no tribunal com a blusinha assim mais nem passa no portão  
 Bf: Não se ela ta assim, eles com certeza vão mexer

No inicio desse trecho, as jovens dão continuidade ao tema anterior relacionado aos professores/as. Amanda, explica que alguns jovens fazem uso de substâncias tóxicas dentro da própria escola, e nada é feito. Natália, diz que a escola enfrenta outro problema relacionado às meninas que deixam de usar o uniforme para vestir roupas inadequadas para o ambiente escolar. Na sua opinião, as meninas usam roupas que chamam a atenção, mas querem que se “imponha respeito”. Na visão das jovens, o respeito é concedido às mulheres pela roupa que vestem. As jovens que vestem roupas apertadas e “insinuantes” são consideradas “vulgares” não só pelos rapazes que as nomeiam de “putas” ou “piranhas”, mas pelas próprias colegas que também se sentem atingidas pelos xingamentos.

Por causa da roupa as moças perdem o direito de reclamar da atitude dos rapazes. Nesse sentido, cobrir o seu corpo, para não provocar os homens, não despertar sua atenção, passa a ser visto como necessário, já que não existe espaço para o diálogo sobre a relação dos/as jovens com o próprio corpo e a influência exercida pela ditadura da moda.

Para Mara, a mulher precisa se adequar para receber o respeito dos rapazes. Na escola, devem se vestir adequadamente, ou seja, usar roupas que cubram as partes de seu corpo que podem vir a chamar atenção dos rapazes. Bruna complementa que o uniforme da escola é calça jeans, agora se a roupa é insinuante como é que os meninos não vão mexer? Essa é a visão que o grupo tem em relação ao corpo. Natalia, ainda é mais radical, “se a mulher se veste como o homem gosta”,

neste caso ela não pode esperar que os rapazes não façam brincadeiras ou piadinhas. Para o grupo, na escola a jovem tem que se colocar no seu lugar. Quando as jovens são convidadas a falar sobre o que é ser uma jovem mulher, encontram dificuldades para falar de suas experiências (Linhas 201- 224):

Y: Assim mudando um pouquinho queria que vocês falassem o que é ser jovem mulher. como é ser jovem mulher, já pensaram nisso assim?

Cf: Não vamos pensar

Af: Como assim você quer saber

Y: Vocês são jovens não são assim são mulheres

Cf: Somos

Y: Vocês são jovens e ao mesmo tempo são mulheres estão amadurecendo tão passando da fase de criança pra fase adulta como que é essa passagem, porque agora vocês não são mais crianças aquela coisa a mãe decide faz e fala, agora vocês estão já tendo uma certa independência

Af: Não é bom e é ruim tipo bom porque você tem aquela sua liberdade você quer fazer alguma coisa você faz sem restrição de ninguém outra requer muita responsabilidade que você não sustenta **entendeu** você precisa de uma ajuda assim (.) se você sai pra uma festa à gente abusa a gente quer sair que quer sair mais na hora de fazer alguma coisa que você ta responsável em fazer você quer ajuda (2) já aí você não é adulta mais você já é adolescente a criança que precisa de ajuda

Bf: O fato de você não ser adulta acham sempre que você é infantil acho que amadurecer do jeito que você ta falando ainda ta um pouco (distante)

Cf: Mãe mãe liga três quatro vezes pra mim no dia perguntando se já almocei já lanchei Assim tipo dezesseis anos não tem muito assim independência ela não deixa trabalhar não deixa fazer certas coisas então independência pra mim desse jeito que ta falando

Cf: Pelo ou menos nós duas aqui teve que amadurecer assim a força

Ef: Já somos mãe eu e ela

Df: É já tenho uma filha ela tem um filho assim depois que você tem filho você amadurece bastante

Ef: Então você é obrigada a amadurecer ne porque agora você tem que cuidar de uma criança é uma vida totalmente diferente

Df: Difícil ainda você tem que ter responsabilidade você já perde sua liberdade por causa disso

Ef: É

Amanda inicia a discussão do tema apontando que existe o lado bom e ruim de ser jovem, porque a juventude é sinônimo de liberdade, mas é preciso ser responsável, e às vezes, é necessário obter ajuda para tomar algumas decisões. Segundo ela, o/a jovem quer ter autonomia e em alguns momentos sente-se inseguro/a, entra em conflito com sua identidade, porque em parte ainda se vê como uma criança que precisa de cuidados.

Mara complementa que é necessário ter um amadurecimento, que para ela ainda não aconteceu. Lara diz que o/a jovem ainda depende muito dos pais e eles se fazem muito presentes na rotina dos/as filhos/as. Bruna e Natália inserem um novo elemento na discussão, argumentando que para elas, o contexto é diferente porque

são mães. Com a maternidade foram forçadas a amadurecer, porque a responsabilidade de cuidar de um filho/a exige um tipo de vida totalmente diferente. Tornar-se mãe representa a perda da liberdade (Linhas 233 – 241):

Df: Porque não tem como fazer né, porque filho é bom e não é bom ainda mais na nossa idade porque filho a gente perde totalmente a liberdade de sair perde a liberdade de chegar em casa a hora que você quer (.) quando o seu pai e a sua mãe deixa fazer tudo que você quer do jeito que você quer, porque porque tem que cuidar do seu filho você tem que ter um horário se você sai da escola vai direto pra casa você tem um filho pra a olhar ninguém é obrigada olhar o seu filho você é que tem que olhar, então se eu não tivesse filho eu poderia sair da escola poderia ir namorar poderia sair poderia ir com as amigas pra algum lugar mais hoje em dia não dá entendeu

Bruna argumenta que existem os dois lados de se ter um filho (“é bom e não é bom”), mas sua análise recai sobretudo sobre os pontos negativos: perda de liberdade de sair com os/as amigos para se divertir, fixação de uma rotina em função do filho/a, que exige cuidado constante. As jovens mães não podem sair a qualquer hora para namorar ou fazer outra atividade. É como se a maternidade interrompesse a juventude. A jovem passa a ser mãe, dona de casa e responsável por atender todas as necessidades do/a filho/a. O interessante é que em momento algum é mencionada pelas jovens a participação do pai na criação do/a filho/a. Tudo parece permanecer igual.

Com relação ao preconceito no mercado de trabalho as jovens destacam o seguinte (Linhas 539 – 554):

Df: Existe preconceito sim  
 Af: Ainda existe  
 Df: Tem gente que é machista ainda  
 Cf: Na área de informática os moleques fica bem assim menina ( ) desenvolver sistema e aí só tem homem na minha sala eu sou a única mulher aí fica meio assim tipo ah ela não sabe de nada  
 Af: Fica te subestimando  
 Bf: Faço o curso técnico de segurança do trabalho tipo mulher é muito discriminada na sala muito mesmo, se for pra fazer uma suspensão uma vistoria em um canteiro de obra construção em Águas Claras tem muito mulher eles não listam  
 Cf: Não aceita como segurança do trabalho no canteiro de obras  
 Bf: E quando aceita não é bem remunerado  
 Cf: Existe diferença  
 Df: tem muita muita  
 Cf: Ainda existe muito preconceito contra mulher.

O grupo feminino afirma existir preconceito contra as mulheres pelo fato de ainda existirem pessoas machistas. O preconceito também está presente nos cursos técnicos, por exemplo, na área de informática, a maioria dos profissionais são homens e as mulheres são subestimadas, alegando-se que elas não têm condições de dominar os mesmos conhecimentos que os homens. É como se as mulheres não fossem capazes de alcançar o mesmo nível de aprendizagem sobre profissões exercidas em sua maioria por homens. De acordo com Amanda e Lara, nos cursos técnicos as mulheres são muito discriminadas e quando inseridas no mercado de trabalho, são excluídas e mal remuneradas. Existe muito preconceito contra a mulher (Linhas 572-586):

Y: E assim vocês já tiveram discriminação por ser mulher?

Af: Eu gosto muito de jogar bola gosto muito de jogar bola adoro jogar bola futebol, às vezes me saio melhor que os meninos e eles não aceitam, já se exalta quando entro no campo aí não sai daqui você é mulher aí quando me vê jogar aí pô você joga bem pra caramba não sei o que, não sabe nem o que vai fazer antes de ficar falando

Df: Eu era disciplinada pra fazer jiu-jítsu eu era a única menina que fazia jiu-jítsu lá na academia

Bf: Sempre as pessoas tem discriminação porque que nem na família eu sou a caçula sou aquele visorzinho aquela porcelana que não pode quebrar, aí vou invento de fazer esse curso técnico lá de técnico de segurança no trabalho e meu pai ele trabalha em uma empresa que mexe com obra essas coisas, meu pai nunca que eu vou sustentar uma mulher técnica de segurança e que não sei o quê, então discriminação vem de casa também desde pequeno já.

A discriminação contra a mulher de acordo com o grupo feminino não se restringe a inserção no mercado de trabalho. Amanda diz que gosta de jogar futebol, às vezes, se saí melhor que os meninos e eles não aceitam. Já em outras situações, eles elogiam e aceitam que ela continue jogando com eles. Bruna fala que gostava de fazer jiu-jítsu, mas na academia ela era a única menina. Mara afirma que a discriminação se faz presente em todos os lugares e classes sociais, até mesmo dentro da família. A família oferece a mulher uma educação diferenciada, ela diz que o pai não lhe concede apoio em fazer um curso técnico de segurança no trabalho, apesar de exercer uma função relacionada a está área de trabalho.

Na visão das jovens a família reproduz e alimenta este preconceito contra a mulher, desde cedo as meninas são educadas a exercerem profissões diferenciadas, a se vestirem para não provocar os homens e a cuidar da casa e dos filhos. Mas, as jovens entrevistadas trazem em si o espírito de mudança que busca romper com estes paradigmas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude é uma fase de muitas descobertas, o aprender pela experiência em um mundo de dúvidas e inquietações traz para o/a jovem um sentimento de insegurança. A escola, no papel de instituição socializadora recebe a/o jovem e a/o transforma em aluno/a. É neste espaço que os/as jovens constroem suas identidades a partir do olhar do outro. Não é fácil para o/a jovem encarar todas estas transformações. Embora a família e a escola sejam tradicionalmente apontadas como os principais espaços em que ocorre a socialização do/a jovem, por vezes o/a jovem se vê sozinho, sem apoio e mal compreendido.

Os estudos sobre juventudes trazem à tona a relação dos/as jovens com a escola e o mercado de trabalho, as distintas formas de expressão diante de problemas vividos nessa fase como a discriminação de gênero e a étnico-racial, a violência, entre outros.

Nesta pesquisa buscou-se analisar as discussões de gênero no ambiente escolar, com o objetivo de contribuir para a redução das desigualdades e combater as discriminações contra a mulher. No entanto, cabe ressaltar que muitas jovens, além de sentirem os efeitos de uma sociedade machista e preconceituosa, ainda convivem com o estigma da cor. Enfrentam discriminações enquanto jovens mulheres e negras. A escola por sua vez, alimenta e reproduz tais atitudes e comportamentos que aprovam silenciosamente pessoas que, por vezes, através de “brincadeiras”, piadas ou comentários acabam por dar vida a esta desvalorização da jovem negra<sup>24</sup>.

Para trabalhar com jovens do Ensino Médio exige-se do/a pesquisador/a envolvimento com o meio estudado, clareza na escolha metodológica e sensibilidade para realizar o trabalho de campo. Porque a realidade vivenciada pelos/as alunos/as traz em si suas visões de mundo e a complexidade desta fase da vida.

Esta dissertação buscou compreender visões de mundo de jovens que estão terminando a última etapa da educação básica. Para isso, os grupos de discussão constituíram a principal fonte de coleta de dados. Foi uma escolha metodológica que

---

<sup>24</sup> No entanto, a questão racial não foi objeto desta pesquisa, mas sim as questões de gênero que abrangem os/as jovens.

trouxe resultados positivos porque os/as jovens por estarem reunidos/as com colegas da mesma faixa etária, sexo e meio social ficaram mais a vontade para usar seu próprio vocabulário, falar abertamente sobre suas experiências, isso no caso dos jovens (cf. Weller, 2006). Foi possível perceber por meio das falas dos/as jovens entrevistados detalhes do convívio e permitiu ao grupo refletir sobre as questões relacionadas a gênero e socialização no espaço escolar. Ao final da realização dos grupos de discussão, os/as participantes mencionavam que era a primeira vez que pensavam sobre a temática, que desejavam saber onde poderiam encontrar material que tratasse sobre as questões discutidas no grupo.

Apresentaremos a seguir uma síntese dos principais aspectos analisados nos grupos de discussão. Com relação à escola, observou-se no grupo masculino que a ênfase recai sobre a preparação para o PAS e para os vestibulares, sobretudo da Universidade de Brasília. Eles querem aproveitar da melhor forma possível essa última etapa do ensino médio. Planejam terminar o Ensino Médio para dar início no ensino superior ou ter base para estudar e passar em um concurso público.

O grupo feminino destacou a relação com os/as professores/as, chamando a atenção para a desordem e falta de respeito na hora das aulas. Os/as alunos/as são tratados/as com grosseria e os/as professores/as impõem regras de cima para baixo não abrindo espaço para o diálogo em sala de aula. As jovens, também, reclamaram que os/as professores/as trazem seus problemas pessoais para a escola e isso influencia na qualidade das aulas. Os/as professores/as, sobretudo fazem uso do poder para intimidar os/as jovens e não se esforçam para fazer um bom trabalho com os/as alunos/as porque independente da atuação, o salário será creditado no final do mês. As jovens sentem-se prejudicadas com estas atitudes dos/as professores/as.

No que se refere às relações de gênero os rapazes ora se mostram flexíveis, ora se situam, contra a ascensão feminina no mercado de trabalho e na família. Já as jovens do grupo feminino apresentaram uma visão preconceituosa em relação às mulheres; não percebem que elas, assim como os rapazes, carregam a marca da discriminação adquirida na educação recebida através da família e do meio social. Como as próprias jovens relatam “a mulher tem que se por no seu lugar”, caso contrário os homens têm toda liberdade para fazer o que desejarem com elas.

No Centro de Ensino Médio Alice Ruiz os/as jovens sentem falta da participação do diretor nas atividades da escola. Os conteúdos ministrados em sala de aula são voltados para o PAS e para os vestibulares das instituições de ensino superior do Distrito Federal, mas os/as jovens reclamam que alguns professores são desatualizados e não respeitam os/as alunos/as em sala de aula. As aulas não são interessantes, falta por parte da escola atividades que auxiliem na interação e socialização dos/as jovens em sala de aula, talvez, a realização de atividades lúdicas que envolvam os/as alunos/as. Apesar da escola possuir uma proposta político pedagógica que visa atender as necessidades do/a jovem, foi possível observar a partir dos grupos de discussão que os/as jovens não participam da construção e elaboração desta proposta.

Depois de conhecer um pouco da realidade desse/a jovem que está saindo do Ensino Médio, cabe avaliar se a escola pública está aberta ao que se passa fora de seus muros e na cabeça de seus alunos/as. A escola está disposta a conhecer os valores, interesses e expectativas desses/as jovens? No Centro de Ensino Médio Alice Ruiz, por exemplo, nas observações realizadas foi possível perceber que esta escola, apesar de desenvolver vários projetos pedagógicos com temáticas voltadas à realidade dos/as jovens, é uma escola que mantém uma postura tradicional: Não existe segundo os/as entrevistados, participação da comunidade escolar na elaboração das propostas pedagógicas desenvolvidas na escola. Mas, cabe ressaltar que a vice-diretora no seu cotidiano busca traçar estratégias para mudar esta realidade por meio da construção de um espaço de diálogo com os/as estudantes.

Na escola pública de Ensino Médio os/as jovens se deparam com uma realidade que não atende por completo seus anseios e objetivos. Na prática, ainda se está caminhando na direção das metas ou propostas traçados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no que diz respeito aos Temas Transversais. Continua se exigindo que o Ensino Médio seja sinônimo de ingresso na universidade. Por meio do vestibular são regulamentados os conteúdos que devem ser estudados na escola, ou seja, a partir do princípio do que “cai no vestibular”. Contudo, as atribuições do Ensino Médio vão além de funcionar como curso preparatório para o vestibular. A LDB de 1996 propõe que esta última etapa da educação básica consolide e aprofunde o que foi aprendido no ensino fundamental, prepare para o

trabalho, forme cidadãos conscientes de seus direitos e deveres e ofereça condições ao jovem para que possa dar continuidade aos seus estudos. Em suma, ainda são muitos os desafios para que o Ensino Médio se torne uma etapa de formação do/a jovem enquanto cidadão/ã e não somente como um futuro profissional que irá prestar serviços à comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Rosane. Análise da conversação em interação: uma proposta para análise de práticas sociais. In: WEBER, Silke; LEITHAUSER, Thomas (orgs). **Métodos qualitativos nas Ciências Sociais e nas práticas sociais**. Recife: Ed. Universitária, 2007, p. 59-71.

ANDRÉ, M. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo soc.**, Nov, vol.17, nº 2, p.11-33, 2005.

BARBOSA, Ericka F. V. **Políticas Públicas para o Ensino Médio e Juventude Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009.

BLUMER, Herbert. La posición metodológica Del interaccionismo simbólico. \_\_\_\_\_ **El interaccionismo simbólico: perspectiva y método**. Barcelona: Hora S.A., 1982, p.1-44.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário e sua utilização em grupos de discussão. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 11, n.2, p. 19-38, 2006.

CARVALHO, Marília Pinto de. Estatísticas De Desempenho Escolar: O Lado Averso. **Educação & Sociedade**, Campinas: V. 22, N. 77, p. 231-252, Dez. 2001.

CARVALHO, Nivaldo Moreira. **Ensino Médio Integrado, Representações de gênero e perspectivas profissionais: um estudo com jovens dos cursos de Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane. Considerações sobre a etnografia na escola e na prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero. In: WELLER, Wivian; PFAFF,

Nicolle (org). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2010 (livro em edição).

CASTRO, Mary Garcia. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e sociedade** – trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n.100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

\_\_\_\_\_, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. São Paulo: Faculdade de Educação (Tese doutorado) 2001.

\_\_\_\_\_, Juarez. Um olhar sobre a juventude. IN: \_\_\_\_\_. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 21-44.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz, Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. **Investigación cualitativa em educación: fundamentos y tradiciones**. Mc Graw Hill, España, 2003.

FORACCHI, Maria Alice. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.): **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma revisão teórica. **Revista Antropologia**, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

GROSZ, Dirce Margarete. **Representações de gênero no cotidiano de professores e professoras**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_, Maria Luiza et al (orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (org.) **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

KUENZER, Acácia Zeneida. O Ensino Médio no Contexto das Políticas Públicas de Educação no Brasil. In: **Espaço Aberto**, Revista Brasileira de Educação, nº 04, jan/fev/abr, 1997.

LOURO,Guacira L. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Revista Educação & Realidade**, v.20, n. 2, p. 101-132, 1995.

\_\_\_\_\_,Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones (tradução: Ignácio Sánchez de La Yncera). **REIS** – Revista española de investigaciones sociológicas, n. 62, abr/jun, p. 193-242, 1993.

MARGULIS, Mario y URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: \_\_\_\_\_Mario. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Ayres: Biblos, 1996.

\_\_\_\_\_, Mario. Juventud: uma aproximação conceptual. In: BURAK, Solum D. (org). **Adolescencia y juventud en América Latina**. Costa Rica: LUR, 2001.

PAIS, José Machado. A transição dos jovens para a vida adulta. In: \_\_\_\_\_**Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993, p. 21-36.

PAZ, Cláudia Denis Alves da. **Gênero no trabalho pedagógico na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2008.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**. Revista da Anped, São Paulo, n. 5-6, p. 15-24, 1997.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Mezan (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. IFCH/UNICAMP, Textos Didáticos, n. 48, 2002.

Proposta Político Pedagógica do Centro de Ensino Médio Alice Ruiz. **A identidade social da juventude da Alice Ruiz**. Taguatinga-DF, 2009.

SCHUTZ, Alfred. El sentido común y la interpretación científica de la acción humana. In: \_\_\_\_\_ **El problema de la realidade social**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974, p. 35-70.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul./dez/, p. 5-22, 1990.

SILVA, Catarina Malheiros da. **Escola, saberes e cotidiano no meio rural: um estudo sobre os (as) jovens do sertão da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5-6, 1997.

\_\_\_\_\_, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. 02, jul/dez, p. 345-380, 2004.

TRAVERSO-YEPEZ, Martha A.; PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de gênero e adolescência. **Revista de Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 13, n. 1, 2005.

VALVERDE, Danielle Oliveira. **Para além do Ensino Médio: A política de cotas da Universidade de Brasília e o lugar do/a jovem negro/a na Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Brasília, 2008.

VIDICH, Artur J.; LYMAN, Stanford M. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

VILELA, Rita Amélia T. O lugar da abordagem qualitativa na pesquisa educacional: retrospectiva e tendências atuais. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, p. 431-466, 2003.

WIVIAN, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim na análise das relações entre educação e trabalho. **Anais do 29º Encontro Anual da ANPOCS**. São Paulo: ANPOCS, p. 1-16, 2005a.

\_\_\_\_\_, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, v. 7, n. 13, jan/abr, p. 260-300, 2005b.

\_\_\_\_\_, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista de Estudos Feministas**. jan/abr, vol. 13, nº1, p. 107-126, 2005c.

\_\_\_\_\_, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**. Revista de Educação da USP. São Paulo, vol. 32, nº 2, maio/ago, p. 241-260, 2006.

\_\_\_\_\_, Wivian. A hermenêutica como método empírico de investigação. In: 30ª Reunião Anual da ANPEd, 2007, Caxambu. **30ª Reunião Anual da ANPEd**, p.1-16, 2007.

\_\_\_\_\_, Wivian et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. XVIII, n.2, jul/dez, p. 375-396, 2002.

\_\_\_\_\_, Wivian. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Shutze. In: **ANAIS da 32ª Reunião Anual da ANPED**, 2009, Caxambu, p. 1-16, 2009.

\_\_\_\_\_,Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação**: Teoria e Prática. Petrópolis: Vozes, 2010 (livro em edição).

[www.cemab.com.br/projetos/propostapoliticopedagogica.2009.pdf](http://www.cemab.com.br/projetos/propostapoliticopedagogica.2009.pdf), Acesso em 26/02/2010 às 15h31.

www.cespe.unb.br, Acesso em 25/06/2010 às 3h30.

www.taguatinga.df.gov.br, Acesso em 26/02/2010 às 15h31.

www.se.df.gov.br, Acesso em 26/02/2010 às 16h29.

[www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse](http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse), Acesso em 01/05/ 2010 às 2h18.

www.ipea.gov.br, Acesso em 26/02/2010 às 16h29.

## APÊNDICES

## Apêndice A – Roteiro guia para grupos de discussão com jovens

### Projeto de Pesquisa RELAÇÕES DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO

*Observações iniciais:*

1. *Antes de iniciar o grupo de discussão deixar gravado (para facilitar a transcrição) o dia, a hora, o local, o nome das entrevistadoras e dos/as entrevistados/as (pedir para falarem o nome e a idade).*

#### **BLOCO I – ESCOLA**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** Vocês poderiam falar um pouco sobre a escola onde vocês estudam? Como vocês vêem a escola?

**Outras questões:**

- O que vocês pensam sobre os conteúdos ensinados na escola? Quais são os temas que vocês consideram mais importantes?
- O que vocês acham que está faltando na escola? O que poderia ser diferente?
- Além das aulas, a escola organiza algum tipo de atividade? Poderiam falar um pouco sobre o que é realizado na escola?

**Objetivo:** Conhecer como eles se percebem no espaço da escola e saber se eles se sentem pertencentes a esse espaço.

#### **BLOCO II – JUVENTUDES**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** Vocês poderiam falar um pouco sobre como é ser jovem e ser mulher (ser homem)?

**Outras questões:**

- Como é ser jovem na escola, na igreja, entre amigos? Existe alguma diferença?

**Objetivo:** Identificar a concepção de juventude construída pelos/as jovens do Ensino Médio.

### **BLOCO III – OS/AS JOVENS NA ESCOLA**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** Vocês poderiam falar um pouco sobre a vida escolar de vocês? Como foi o percurso escolar até chegar ao 3º ano do Ensino Médio?

#### **Outras questões:**

- Poderiam falar um pouco sobre o dia a dia de vocês na escola?
- O que vocês esperam da escola? Acha que ela pode ser decisiva na sua formação profissional?
- Como está sendo a experiência com a escola?
- Existem disciplinas que vocês gostam mais, nas quais têm mais facilidade ou dificuldades?

**Objetivo:** Promover um debate no grupo/ conhecer a vida escolar dos/as jovens, na tentativa de reconstruir sua trajetória escolar.

### **BLOCO IV – RELAÇÕES COM JOVENS DO SEXO OPOSTO**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** Vocês poderiam falar um pouco sobre a relação entre professores/as e alunos/as em sala de aula?

#### **Outras questões:**

- Como a escola poderia contribuir com as relações interpessoais em sala de aula?
- Como vêm as relações de gênero em sala de aula? Como pode ser abordado pelos/as professores/as este tema?
- Existem papéis na sociedade que costumam ser categorizados como sendo de homens ou de mulheres, como vocês veem isso? A escola se preocupa em discutir, ou questionar estes papéis?
- Em sua opinião existe diferença entre jovens do sexo feminino e masculino?

- Já tiveram alguma experiência de discriminação por ser mulher (homem)? Poderiam nos contar sobre essa experiência? Como é a relação de vocês com o sexo oposto?
- Como é a relação de vocês com os rapazes dentro e fora da sala de aula (e vice-versa)?
- Vocês têm namorado/a?

**Objetivo:** Conhecer como são construídas as relações de gênero na sala de aula e na escola. Identificar as experiências familiares que esses/as jovens têm e que contribuem na elaboração de sua identidade dentro do espaço da escola.

## **BLOCO V – MOVIMENTO FEMINISTA**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** - Conhecem ou já ouviram falar do movimento feminista? O que vocês pensam sobre o feminismo?

### **Outras questões:**

- Vocês já ouviram falar dos trabalhos da Secretaria Especial de Mulheres? Vocês acham que é importante o governo se preocupar com a situação das mulheres no Brasil?
- Vocês já tiveram algum problema, assim de violência? Poderiam contar algo sobre isso?

**Objetivo:** Analisar se as/os jovens têm conhecimento da existência da Secretaria Especial de Mulheres, bem como identificar se já sofreram alguma discriminação por ser mulher.

## **BLOCO VI – TRAJETÓRIA FAMILIAR**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** Vocês moram com seus pais? Como é a relação de vocês com seus pais?

### **Outras questões:**

- A família de vocês é daqui ou veio de fora? Vocês poderiam falar um pouco sobre a história da família de vocês?

- Qual a cidade em que vocês moram? Poderiam falar um pouco sobre o dia a dia de vocês no bairro?
- Vocês têm irmãos e/ou irmãs? Como é a relação de vocês com os irmãos ou irmãs?
- Acham que a educação oferecida a vocês por seus pais foi diferente do que a educação dos irmãos de vocês?
- Tem alguma pessoa na família ou algum parente próximo com quem vocês se identificam mais?
- Vocês pensam em casar e constituir família? O que vocês pensam sobre isso?

**Objetivo:** conhecer o contexto familiar e verificar como se constituem as relações intergeracionais.

## **BLOCO VII – LAZER**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** O que vocês costumam fazer no tempo livre?

**Objetivo:** Identificar os espaços que os/as jovens têm para socializar com os amigos/as.

## **BLOCO VIII – PERSPECTIVAS DE FUTURO**

**Pergunta Inicial (igual para todos os grupos):** Vocês pretendem trabalhar depois que concluírem o Ensino Médio ou pretendem continuar estudando?

### **Outras questões:**

- Poderiam falar sobre os projetos para o futuro? O que gostariam de fazer?
- Como vocês imaginam o futuro?

**Objetivo:** Conhecer as percepções dos/as jovens sobre a perspectiva de futuro que têm a partir das suas experiências sociais.

## **BLOCO IX - QUESTÃO FINAL**

Gostariam de falar mais alguma coisa sobre a escola, professores, alunos, da vida de vocês ou comentar alguma questão do grupo?

## Apêndice B - Códigos utilizados na transcrição das entrevistas<sup>25</sup>

- Y: abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utilizam-se Y1 e Y2)
- Am/Bf: abreviação para entrevistado/ entrevistada. Utiliza-se “m” para entrevistados do sexo masculino e “f” para pessoas do sexo feminino. Numa discussão de grupo com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utilizam-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subsequentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativo-biográfica, com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm, *Carlos*)
- ?m ou ?f: utiliza-se quando não houve possibilidades de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo)
- (.) um ponto entre parêntesis expressa uma pausa inferior a um segundo.
- (2) um número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
- ⌊ utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que surgiram logo após uma colocação
- ; ponto e vírgula: leve diminuição do tom de voz

---

<sup>25</sup> Modelo criado pelos pesquisadores/as do grupo coordenado por Ralf Bohnsack, na Alemanha.

- . ponto: forte diminuição do tom da voz
- , vírgula: leve aumento do tom da voz
- ? ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz
- exem- palavra foi pronunciada pela metade
- ex:::mplo pronúncia da palavra foi esticada ( a quantidade de : equivale ao tempo da pronúncia de determinada letra)
- assim=assimpalavras pronunciadas em voz baixa são colocadas entre parêntesis
- exemplo palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas
- °exemplo° palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos
- exemplo** palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito
- (example) palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis
- ( ) parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida ( o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase)
- @exemplo@ palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba
- @(2)@ número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala

((bocejo)) expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida))

//hm// utilizado apenas na transcrição de entrevistas narrativo-biográficas para

ou//@/(1)@//indicar *sinais de feedback* (“ah”, “oh”, “mhm”) ou risos do entrevistador.

## **Apêndice C - Carta de apresentação à escola**

Eu, **Iraci Pereira da Silva**, mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Wivian Weller, estou realizando uma pesquisa com jovens alunos (as) do Ensino Médio. A pesquisa tem como objetivo compreender e analisar como se constituem as relações de gênero entre jovens do ensino médio.

O trabalho de campo consiste na realização de grupos de discussão e aplicação de questionários aos jovens. Será realizado no primeiro semestre de 2009 em escolas públicas do Distrito Federal.

Solicitamos, assim, a autorização e o apoio da Diretoria e dos professores para realizarmos a coleta de dados nas turmas de Ensino Médio. Os alunos deverão preencher os questionários em sala de aula, individualmente, com a presença da pesquisadora. Esta tarefa, juntamente com a apresentação da pesquisa, deverá levar, no máximo, meio período de aula.

Para evitar qualquer possibilidade de inibição, pedimos que nenhuma pessoa ligada à escola esteja presente, somente a pesquisadora e os (as) alunos (as). Todos os questionários são anônimos: nenhum aluno colocará o seu nome no questionário, salvo no caso daqueles que participarem também dos grupos de discussão. Entretanto, apenas a pesquisadora terá acesso às informações desagregadas, responsabilizando-se pela não divulgação dos nomes dos jovens participantes da pesquisa.

Ressalte-se que todas as informações prestadas no âmbito desta pesquisa são de livre consentimento dos participantes e são, absolutamente, confidenciais, não sendo divulgados os nomes dos alunos ou quaisquer outros informantes.

Qualquer contato com a pesquisadora poderá ser feito pelo telefone 81854556 ou pelo seguinte e-mail: iracidasilva@gmail.com

Agradecemos a colaboração desta escola.

Atenciosamente,

Iraci Pereira da Silva

Aluna do PPGE - UnB - Mat. 0867811

Brasília, 16 de fevereiro de 2009.

Wivian Weller

Profa. Dra. do PPGE – UnB

## Apêndice D - Autorização dos pais/responsáveis

Prezados pais ou responsáveis,

Eu, **Iraci Pereira da Silva**, mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Wivian Weller, estou realizando uma pesquisa com jovens alunos (as) do Ensino Médio. A pesquisa tem como objetivo compreender e analisar como se constituem as relações de gênero entre jovens do ensino médio.

Uma das etapas do trabalho de campo consiste na realização de grupos de discussão com os jovens para conhecer o que eles pensam sobre as relações interpessoais que são mantidas dentro da escola, seus projetos para o futuro e outros temas relacionados à juventude. No mês de março de 2009, em atividade realizada em sala de aula, com o consentimento e apoio da escola, convidamos as turmas de 3º ano para participarem de grupos de discussão. Alguns jovens demonstraram interesse em contribuir na referida atividade. Entre eles, o seu (sua) filho (a).

Solicitamos, assim, a sua autorização para que o (a) estudante \_\_\_\_\_ participe de um grupo de discussão, no mês de março de 2009, a partir das 13h30, na escola Centro de Ensino Médio Ave Branca.

Ressalte-se que todas as informações prestadas no âmbito desta pesquisa são de livre consentimento dos participantes e são absolutamente confidenciais, não sendo divulgados os nomes dos alunos ou quaisquer outros informantes.

Qualquer contato com a pesquisadora poderá ser feito pelo telefone 96095078 ou pelos seguintes endereços eletrônicos: [iracidasilva@gmail.com](mailto:iracidasilva@gmail.com) ou [iracidasilva@globo.com](mailto:iracidasilva@globo.com)

Agradecemos a colaboração.

Atenciosamente,

Iraci Pereira da Silva  
Aluna do PPGE - UnB - Mat. 0867811

Wivian Weller  
Profa. Dra. do PPGE – UnB

## Apêndice E – Questionário

Olá, Jovem

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre relações de gênero em sua escola e gostaria que as perguntas abaixo fossem respondidas. Todas as informações serão tratadas com rigor e sigilo, nomes e local de residência não serão divulgados.

Seu

nome.....

Idade: .....

Sexo: masculino ( ) feminino ( )

Estado civil: solteiro/a ( ) casado/a ( )

separado/a ( ) outros .....

Tem filhos? sim ( ) não ( )

número de filhos: .....

Tem irmãos/ãs? sim ( ) não ( )

número de irmãos/ãs: .....

**Tem religião? sim ( ) não ( )**

**Qual?**.....

Estado onde nasceu: .....

Qual cidade onde

mora:.....

Há quanto tempo vive nessa cidade ou região? .....

Estado onde nasceu sua mãe: .....

Estado onde nasceu seu pai.....

### Moradia

Como mora? Com os pais ( ) com o companheiro/a ( ) com parentes ( )

Outros: .....

### Escolaridade:

Segundo Grau/ Ensino Médio completo ( ) incompleto ( )

Faz algum curso Profissionalizante:

sim ( ) não ( )

completo ( ) incompleto ( )

Que curso profissionalizante você frequentou?.....

Em que escola ou instituição realizou o curso?.....

### Situação atual:

Empregado ( ) desempregado ( )

Caso esteja trabalhando, qual a profissão/atividade que está exercendo? .....

Que profissão você pretende ou gostaria de exercer no futuro? .....

### Escolaridade da mãe:

Primeiro Grau/ Ensino Fundamental:

completo ( ) incompleto ( )

Segundo Grau/ Ensino Médio:

completo ( ) incompleto ( )

Ensino superior:

completo ( ) incompleto ( )

Profissão da mãe: .....

### Escolaridade do pai:

Primeiro Grau/ Ensino Fundamental:

completo ( ) incompleto ( )

Segundo Grau/ Ensino Médio:

completo ( ) incompleto ( )

Ensino superior:

completo ( ) incompleto ( )

Profissão do pai: .....

### Escolaridade do companheiro/a

*(somente se vivem juntos)*

Primeiro Grau/ Ensino Fundamental:

completo ( ) incompleto ( )

Segundo Grau/ Ensino Médio:

completo ( ) incompleto ( )

Ensino superior:

completo ( ) incompleto ( )

Profissão do companheiro/a: .....

### Dados complementares:

Lazer preferido: .....

Porque você escolheu esta escola para estudar?.....

Você acha que a escola onde estuda concede uma formação que atende as suas necessidades? sim ( ) não ( )

O que falta em sua escola?.....

O que tem de melhor em sua escola?.....

A escola concede espaço para o diálogo e a interação entre as diferenças?

sim ( ) não ( )

Por quê?.....

Existe preconceito na relação entre homens e mulheres dentro da escola?

sim ( ) não ( )

É possível a existência de um espaço de igualdade entre homens e mulheres na escola? sim ( ) não ( )

*Muito obrigada!*